

LYDIENIO BARRETO DE MENEZES

A Educação à Luz do Espiritismo



**O LIVRO DOS
ESPÍRITOS**

ALLAN KARDEC



**O LIVRO
DOS MÉDIUNS**

ALLAN KARDEC



**O EVANGELHO
SEGUNDO O ESPIRITISMO**

ALLAN KARDEC



**O CÉU
E O INFERNO**

ALLAN KARDEC



A GÊNESE

ALLAN KARDEC



A Educação ' à Luz do Espiritismo

PALAVRAS - O AUTOR E O LIVRO

Primeiro conheci a sua irmã, a Professora Lidimar, no ano de 1959, quando tive a alegria e a honra de ser seu aluno, no tradicional Colégio Leopoldo, de Nova Iguaçu (RJ). Graças às suas aulas, sendo ela uma criatura simpaticíssima, que granjeou a amizade de toda a classe de adolescentes, entrei em contato com a exuberante Literatura Francesa, passando a admirar Chateaubriand, Pascal, Racine, Corneille, o gênio de Voltaire, a poesia de Lamartine, as cartas da Madame de Sevigné, o talento de Victor Hugo. Ah! Que saudades nutro daqueles tempos de rapazola!

Pouco depois conheci o irmão, o Lydienio Barreto de Menezes, na qualidade de destacado elemento do movimento espírita de Nilópolis, outro município da Baixada Fluminense. Participava ele ativamente das tarefas do Centro Espírita Caminhemos com Humildade, das quais também participava a declamadora Laís Batista. De igual maneira, que saudades daqueles meus dias de moço espírita!

Posteriormente Lydienio, também professor, e creio que fotógrafo, foi levado pelo Antonio Paiva Melo (de saudosa memória em todos nossos corações) para os quadros da Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro, hoje transformada em União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro. Já se vê que é o autor deste livro um confrade que sempre esteve e está (e ainda estará, se Deus quiser, por longos anos) prestando inestimáveis serviços à nossa causa comum.

Embora sabendo do seu valor, da sua cultura e sobretudo da sua dedicação à Doutrina Espírita, surpreen-deu-me a leitura deste seu livro! Nada temos nós, seus leitores, a tirar ou acrescentar. Ele foi muito feliz na abordagem de todos os assuntos dando subsídios fundamentais para a visão espírita da Educação. E eu fico muito alegre em saber que uma obra tão útil, escrita num linguajar tão simples e ao mesmo tempo tão profundo, rigorosamente com base nas lições dos livros de Kardec, de Joanna de Angelis, de Emmanuel, de Rodolfo Gal li garis, de André Luiz, é oferecida ao público em geral e muito em especial aos pais, aos professores, aos líderes religiosos, numa palavra, aos educadores. Concordo em toda a linha com tudo o que me foi dado a ler ainda nos originais. E espero que tal livro seja o primeiro de uma série de outros igualmente importantes semeando a paz e a luz nos corações e nas mentes das criaturas dentro dos sublimes ensinamentos de Jesus, sob a ótica da Terceira Revelação.

Parabenizando o autor, o editor e sobretudo os leitores, declaro que um livro assim mostra como a família espírita trabalha ativamente para a redenção do Espírito humano.

CELSO MARTINS

APRESENTAÇÃO

Os livros de Allan Kardec, pseudônimo do Professor e Pedagogo francês Hipolyte Léon Denizard Rivail, e a Revista Espírita, por ele editada de 1858 até a sua desencarnação, ocorrida em 31 de março de 1869, em seu conjunto apresentam pontos importantíssimos no campo da educação que, se levados em consideração, poderão dar contribuições valiosas à Pedagogia moderna, pois a Doutrina Espírita, por ele codificada, oferece uma nova visão do educando e, como consequência, apresenta uma filosofia da educação bem diferenciada das atualmente em uso.

Por outro lado, os espíritas ou simpatizantes do Espiritismo não possuem, ainda, o hábito de estudar essas obras em seu conjunto e este acervo de informações educacionais se perde, pois encontra-se espalhado nas obras acima citadas.

Por isso, procuramos localizá-lo e ordená-lo, a fim de que pudéssemos apresentá-lo aos leitores, dando-lhe um sentido mais abrangente no campo específico da educação. Para tanto, iniciamos cada capítulo com um ou mais desses textos, complementando-os com nossos comentários e, sempre que possível, enriquecendo-os com o contributo de outros autores encarnados e desencarnados.

Nosso trabalho não pretende ser um tratado sobre Educação, e nem uma obra de Pedagogia Espírita, pois falta-nos embasamento específico para tanto. O que pretendemos com este livro é valorizar o trabalho de Allan Kardec como professor e pedagogo que foi, comentando seus ensinamentos ou os dos Espíritos Superiores que trabalharam na obra da Codificação, através de uma linguagem clara e objetiva, para pô-los ao alcance de todos aqueles que, de uma forma ou de outra, estejam na função de educadores, ajudando-os nesta árdua, mas nobre missão.

O Autor - Outubro de 1988

*Um bom livro, embora mudo, tem sempre grande valor, pois, em silêncio, diz tudo:
- é também um professor!*

José Fuzeira

índice

<i>Educação à Luz do Espiritismo...</i>	<i>9</i>
<i>A Pedagogia e a Didática de Jesus</i>	<i>13</i>
<i>Quem é o Educador?.....</i>	<i>17</i>
<i>Quem é o Educando?.....</i>	<i>21</i>
<i>Missão Educadora dos Pais.....</i>	<i>25</i>
<i>Quando Deve Ser Iniciado o Processo Educativo</i>	<i>29</i>
<i>Como Agir?.....</i>	<i>33</i>

<i>A Infância.....</i>	<i>37</i>
<i>Adolescência</i>	<i>43</i>
<i>Mocidade</i>	<i>49</i>
<i>Família</i>	<i>53</i>
<i>Casamento e Divórcio.....</i>	<i>57</i>
<i>Filhos de Casais Separados.....</i>	<i>61</i>
<i>O Problema Sexual</i>	<i>65</i>
<i>Amor e Desamor.....</i>	<i>71</i>
<i>Autoridade pelo Exemplo.....</i>	<i>75</i>
<i>Direitos e Deveres.....</i>	<i>79</i>
<i>O Uso da Inteligência</i>	<i>83</i>
<i>Aptidões</i>	<i>87</i>
<i>O Trabalho.....</i>	<i>91</i>
<i>O Necessário e o Supérfluo</i>	<i>95</i>
<i>O Egoísmo.....</i>	<i>99</i>
<i>A Vaidade.....</i>	<i>103</i>
<i>Maus Pendores</i>	<i>107</i>
<i>Agressividade e Revide.....</i>	<i>111</i>
<i>A Hora de Dormir.....</i>	<i>115</i>
<i>Crianças Inocentes..... ; _</i>	<i>119</i>
<i>A Criança Feliz.....</i>	<i>123</i>
<i>Pais - Construtores da Nova Geração</i>	<i>127</i>
<i>A Evangelização da Criança.....</i>	<i>131</i>
<i>O Homem de Bem.....</i>	<i>135</i>

EDUCAÇÃO À LUZ DO ESPÍRITISMO

“Há um elemento, que se não costuma fazer pesar na balança e sem o qual a ciência econômica não passa de simples teoria. Esse elemento é a educação, não a educação intelectual, mas a educação moral. Não nos referimos, porém, à educação moral pelos livros e sim à que consiste na arte de formar os caracteres, à que incute hábitos, porquanto a educação é o conjunto de hábitos adquiridos.

Quando essa arte for conhecida, compreendida e praticada, o homem terá no mundo hábitos de ordem e de previdência para consigo mesmo e para com os seus, de respeito a tudo o que é respeitável, hábitos que lhe permitirão atravessar menos penosamente os maus dias inevitáveis. A desordem e a imprevidência são duas chagas que só uma educação bem entendida pode curar. Esse o ponto de partida, o elemento real do bem-estar, o penhor da segurança de todos.”

(O Livro dos Espíritos - Questão 685 - Nota de Kardec)

é rebuscando a causa primeira dos instintos e das inclinações inatas que se descobrirão os meios mais eficazes de combater os maus e desenvolver os bons. Quando esta causa for conhecida, a educação possuirá a mais poderosa alavanca moralizadora que jamais teve.”

(Revista Espírita – Junho de 1866 – Comentário de Kardec)

Ao final da Idade Média, período de obscurantismo em que o pensamento humano foi refreado, a Humanidade entrou na Renascença, na qual as artes e a ciência tomaram grande impulso, levando o homem a vislumbrar horizontes novos. Para acompanhar essa eclosão do intelectualismo, surgiu a necessidade de novas escolas e universidades. A partir daí, apareceram as primeiras escolas pedagógicas, tendo como precursores Jean Jacques Rous-seau, Pestalozzi e outros. A Educação tornou-se uma ciência cada vez mais progressista, surgindo novos métodos e novas escolas pedagógicas, contando com o contributo de eminentes pedagogos, tais como Piaget, Rogers e Maria Montessori.

Se por um lado, esses trabalhos e a introdução de novas técnicas didático-pedagógicas auxiliaram o desenvolvimento intelectual do homem, atingindo graus nunca imaginados, principalmente nas áreas da ciência e da tecnologia, não conseguiram resolver os problemas sociais que envolvem o homem e seu semelhante, ocasionando um sério desnível entre o intelectualismo e a moral.

Por isso, Allan Kardec, já no século passado, conceitua a educação, não como um ciência e sim como uma arte, único elemento capaz de inverter esse desequilíbrio. “Não a educação intelectual, mas a educação moral”, diz ele, complementando: “Não a educação moral pelos livros e sim aquela capaz de formar os caracteres”, isto é, os hábitos de ordem e de previdência.

Para tanto, vem o Espiritismo, a partir dos livros da Codificação, fornecendo vasto material neste campo, quer escritos por autores encarnados, tais como J. Herculano Pires, Rubens Romanelli e Pedro de Camargo (Vinícius), ou através de autores desencarnados, Emmanuel, André Luiz, Joanna de Ângelis, Vianna de Carvalho e tantos outros, como subsídios para que o homem, como ser imortal, retome o equilíbrio intelecto-moral, tão importante para o seu progresso e conseqüentemente para o crescimento espiritual da Humanidade.

Joanna de Ângelis, no livro Estudos Espíritas (Psi-cografia de Divaldo Pereira Franco — Edição FEB) afirma: “A educação encontra no Espiritismo respostas precisas para melhor compreensão do educando e maior eficiência do educador no labor produtivo de ensinar a viver, oferecendo os instrumentos do conhecimento e da serenidade, da cultura e da experiência aos reiniciantes do sublime caminho redentor, através dos quais os tornam homens voltados para Deus, o bem e o próximo.”

Vinícius na lição “As gerações futuras”, de seu livro O Mestre na Educação — Edição FEB, conta-nos o seguinte fato sobre educação:

Licurgo, célebre orador ateniense, fora, certa ocasião, convidado para falar sobre a

Educação. Aceitou o convite, sob a condição de lhe concederem três meses de prazo. Findo esse tempo, apresentou-se perante numerosa e seleta assembléia, que aguardava, ávida de curiosidade, a palavra do consagrado tribuno.

Licurgo apareceu, então, trazendo consigo dois cães e duas lebres. Soltou o primeiro mastim e uma das lebres. A cena foi chocante e bárbara. O cão avança furioso sobre a lebre e a despedaça. Soltou, em seguida, o segundo cachorro e a outra lebre. Aquele pos-se a brincar com esta amistosamente. Ambos os animais corriam de um lado para o outro, encontrando-se aqui e acolá para se aflagarem mutuamente.

Ergue-se, então, Licurgo na tribuna e conclui, dirigindo-se ao seletos auditório:

“Eis aí o que é a educação. O primeiro cão é da mesma raça e idade que o segundo. Foi tratado e alimentado em idênticas condições. A diferença entre eles é que um foi educado e o outro não.”

Eis porque, o grande educador e escritor espírita, no livro acima mencionado afirma: “EDUCAR: É O RUMO A SEGUIR, O PROGRAMA DO MOMENTO.”

Entre saber e brilhar A diferença é sabida: Cultura faz-se num mês, Educação pede a vida.
Múcio Teixeira

(Do livro “Orvalho de Luz” psicografia de F. C. Xavier).

A PEDAGOGIA E A DIDÁTICA DE JESUS

Qual o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem, para lhe servir de guia e modelo?

“Jesus”.

“Para o homem, Jesus constitui o tipo da perfeição moral a que a Humanidade pode aspirar na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo e a doutrina que ensinou é a expressão mais pura da lei do Senhor, porque sendo Ele o mais puro de quantos tem aparecido na Terra, o Espírito Divino o animava.”

(O Livro dos Espíritos - Questão 625)

“Falo-lhes por parábolas, porque não estão em condições de compreender certas coisas. Eles vêem, olham, ouvem, mas não entendem. Fora, pois, inútil tudo dizer-lhes, por enquanto. Digo-o, porém, a vós, porque dado vos foi compreender estes mistérios.” Jesus procedia com o povo, como se faz com crianças, cujas idéias ainda se não desenvolveram. Desse modo, indica o verdadeiro sentido da sentença: “Não se deve por a candeia debaixo do alqueire, mas sobre o candeeiro, a fim de que todos os que entrem a possam ver.” Tal sentença não significa que se deva revelar inconsideradamente todas as coisas. Todo ensinamento deve ser proporcionado à inteligência daquele a quem quer-se instruir, porquanto há pessoas a quem uma luz demais viva deslumbraria, sem as esclarecer.”

(O Evangelho Segundo o Espiritismo - Capítulo XXIV, item 4)

Quando o jovem rico perguntou a Jesus:

—“Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?”

Jesus, segundo narrativa de Lucas, respondeu:

—“Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão um só, que é Deus.” (Mt: 19, 17).

Nesta passagem observamos que Jesus descarta o adjetivo, mantendo, porém, o substantivo, pois sabia Ele ser essa a sua missão — a de mestre —, porque conforme registra o Prof. Aurélio B. H. Ferreira em seu Dicionário, MESTRE é o “homem que ensina” e o “homem superior e de muito saber”.

Em outra passagem evangélica, vamos encontrar diversos personagens tratando-o de Mestre, como aconteceu com Maria de Magdala ao reconhecer naquela visão a figura inolvidável do “Raboni”, que quer dizer mestre em hebraico. Os próprios escribas e fariseus assim o chamaram, quando levaram a sua presença a mulher adúltera.

Neste sentido, Jesus foi um mestre por excelência. Sabia dosar suas palavras, usando formas diferentes quando falava aos apóstolos e ao povo:

—“A Vós outros é dado conhecer os mistérios do reino de Deus; aos mais fala-se por parábolas.”

E é exatamente quando fala ao povo que Jesus se revela o Mestre por excelência. Utiliza o recurso de pequenas histórias, como forma de transmitir mensagem aos outros. Por isso, Jesus falava ao povo através de parábolas, para que uma idéia que parecia complicada pudesse tornar-se mais fácil de ser entendida, pois ela era expressa através de um exemplo ou de uma comparação.

Nestas parábolas, Jesus utilizava a linguagem que o povo conhecia:

- O semeador saiu a semear...
- O bom samaritano.
- O filho pródigo.
- Os trabalhadores da vinha.
- O fariseu e o cobrador de impostos.
- A ovelha perdida.

Eram situações vivenciadas pelos judeus; representavam suas aspirações imediatas, nas quais Jesus acrescentava o ensino moral.

Não esperava situações,* nem locais especiais para transmitir seus ensinamentos. Aproveitava o momento e suas salas de aulas foram a casa de Simão Pedro, o barco, a praça pública e a montanha, de onde transmitiu o mais belo de seus ensinamentos: O Sermão do Monte.

Ensinou aos mais idosos, aos jovens e pediu:

- “Deixai vir a mim os pequeninos, não os embarceis, porque dos tais é o reino de Deus.”

Nada deixou escrito, mas suas lições transcendentais venceram os tempos e são tão atuais, como nos momentos em que foram pronunciadas.

Este é o Mestre que, segundo a questão 625 de “O Livro dos Espíritos”, é “o modelo e guia que Deus tem oferecido à Humanidade.”

Quando a Terra se ajustar aos preceitos de Jesus, então, liberta de trevas, será um mundo de luz!

José Fuzeira

(Do Livro “Trovas de Sombra e de Luz”).

QUEM É O EDUCADOR?

“Não se espantem os adeptos com esta palavra – ensino. Não constitui ensino unicamente o que é dado do púlpito ou da tribuna. Há também o da simples conversação. Ensina todo aquele que procura persuadir a outro, seja pelo processo das explicações, seja pelo das experiências.”

(O Livro dos Médiuns – Capítulo III, item 18)

“A tarefa não é tão difícil quanto possa parecer. Não exige o saber do mundo. Podem desempenhá-la assim o ignorante, como o sábio, e o Espiritismo lhe facilita o desempenho, dando a conhecer a causa das imperfeições da alma humana.”

(O Evangelho Segundo o Espiritismo – Capítulo XIV, item 9)

Ao abordarmos o tema Educação à luz da Doutrina Espírita, o fazemos com base nas palavras de Allan Kardec acima transcritas, tendo em vista que elas encerram um ensinamento bem profundo a respeito do assunto.

Apesar das palavras ensinar e educar terem significados diferentes e de ter o Codificador usado a palavra ensino no seu significado real, isto é, “transmissão de conhecimentos, de informações ou de esclarecimentos úteis ou indispensáveis à educação”, ou ainda, “esforço orientado para a formação ou modificação da conduta humana”, vimos que uma coisa leva a outra, por isso, servimo-nos do texto para falar do papel do educador.

Seguindo o raciocínio de Kardec, educador não é somente aquele que fala do púlpito (sacerdotes e religiosos) ou da tribuna (oradores, professores ou intelectuais), mas qualquer pessoa que, pelo processo das explicações ou das experiências, procura passar ensinamentos úteis para outrem e neste sentido estão incluídos os pais, avós ou quaisquer outras que tenham a paciência necessária para, descendo até o nível de entendimento do educando, transmitir algum ensinamento que possa formar ou modificar a sua conduta. Para tanto, não é necessário ocasião especial, pois o processo a ser utilizado deve ser o da simples conversação e neste trabalho educacional, principalmente na primeira infância, entra o papel da mãe, como primeira educadora, por estar em maior contato com a criança; não excluindo o pai e mais modernamente os avós, já que grande parte das crianças passam parte do dia com eles, em virtude de muitas mulheres, nos dias atuais, trabalharem fora do lar.

O que queremos acentuar é que, para ensinar, não há necessidade de se ter uma

formação acadêmica, visto que a experiência de vida é um patrimônio inalienável dos mais idosos. Os indígenas e algumas civilizações orientais bem o sabem, dando importância muito grande à sabedoria dos anciãos. Entretanto, a experiência não tem valor, se não se aprende com ela.

Citamos novamente a orientação abalizada do educador espírita Vinícius, quando em seu livro *O Mestre na Educação* afirma: "O ensino por autoridade, impondo princípios e doutrinas, avilta o caráter e neutraliza as melhores possibilidades individuais. Cria a domesticidade e a escravatura espiritual, regime ignóbil onde se estiolam as mais nobres aspirações e onde se oficializam a hipocrisia, o vício e o crime." *

"O ensino por autoridade é a educação às avessas: oblitera a mente, ofusca a inteligência, ensombra a razão, atrofia a vontade, mecaniza e anquilosa (1) a alma do educando." ,

"O ensino que se funda no processo de despertar os poderes latentes do Espírito é o único que realmente encerra e resolve o problema da educação."

"Baseando-se o ensino no apelo constante à razão e ao bom-senso, gera-se a confiança própria, estimula-se a vontade, esclarece-se a mente - numa palavra - consegue-se que o educando faça a independência própria em todo o terreno, o que representa a verdadeira nobreza de caráter."

Neste esforço orientado, devem os responsáveis pela educação de uma criança atentar para o seguinte:

- 12 - que haja sempre diálogo e que este seja informal, franco e oportuno;
- 2ª - que neste diálogo, a criança se sinta a vontade para expressar seus pensamentos, isto é, que exista um espaço aberto para ela falar;
- 3ª - que as experiências sejam sempre aquelas relacionadas com o momento;
- 4ª - que o educador esteja sempre atento às atividades e atitudes da criança para que, a partir delas, possam sair as informações úteis à sua educação;
- 5ª - que nos momentos em que a criança denote suas más tendências, a correção seja feita na hora, com muito tato, sabedoria e carinho, mas demonstrando firmeza nas palavras, procurando sempre ressaltar o lado positivo e nunca o negativo. "O mal não merece ser comentado" é a recomendação do Espírito André Luiz.

- (1) Anquilosa ou ancilosa (do verbo ancilosar): diminui a possibilidade de movimentos.
- (2) O professor Rubens Romanelli, no livro *Primado do Espírito*, ao fazer referências à "Carência de Educação Moral**", assim se expressa: "A primeira preocupação, pois, de quantos se impuseram a sublime e árdua tarefa de educar deve ser a de concentrar a atenção do homem num elevado ideal de espiritualidade e dar-lhe a consciência de que o seu labor é tanto mais fecundo em resultados positivos, quanto mais desinteressado for o móvel de suas pesquisas e mais alta for a meta de suas aspirações. A História demonstra-nos, à saciedade, que as mais preciosas

conquistas da civilização nunca as empreendeu o homem, inspirado por fins utilitários, ou movido de sentimentos subalternos, mas impelido por um desejo, em cujo fundo latejam sempre o instinto do Bem e a intuição da Verdade.”

Quem possui altos estudos é pessoa instruída, mas não há curso completo sem a experiência da vida!

José Fuzeira

(Do Livro Trovas de Sombra e de Luz’).*

QUEM É O EDUCANDO?

“Os Espíritos não ocupam perpetuamente a mesma categoria. Todos se melhoram passando pelos diferentes graus da hierarquia espírita. Esta melhora se efetua por meio da encarnação, que é imposta a uns como expiação, a outros como missão. A vida material é uma prova que lhes cumpre sofrer repetidamente, até que hajam atingido a absoluta perfeição moral.”

(O Livro dos Espíritos – Introdução, item VI)

“A passagem dos Espíritos pela vida corporal é necessária para que eles possam cumprir, por meio de uma ação material, os desígnios cuja execução Deus lhes confia. É-lhes necessária, a bem deles, visto que a atividade que são obrigados a exercer lhes auxilia o desenvolvimento da inteligência.”

(O Evangelho Segundo O Espiritismo – Capítulo IV, item 25)

Quando falamos em Educação, não podemos deixar de mencionar a Filosofia Educacional, porque é esta que orienta o processo, atendendo aos objetivos que se propõe atingir. Por isso, cada país ou cada cultura possui uma Filosofia Educacional, criada para atender as peculiaridades de cada povo ou cultura.

Dentre essas filosofias, destacamos três, que pela importância que representam, nortearam, norteiam ou nortearão os procedimentos educacionais, tendo em vista esta pergunta: Quem é o educando?

Filosofia Materialista

Define o educando como um ser biológico, que vai desenvolver as suas potencialidades intelecto-morais, através de um trabalho mental, com sede no cérebro, potencialidades estas que variam, de indivíduo para indivíduo.

Como esta Filosofia está baseada no raciocínio de que o homem só vive uma única existência, que se extingue com a morte, a Educação visará somente munir o ser de conhecimentos para que tenha uma profissão rendosa, buscando apenas atender aos valores imediatistas da vida.

Filosofia da Unicidade das Existências

Esta filosofia defende a idéia de que o educando é um ser que possui uma alma, criada

por Deus no momento do seu nascimento, cujo destino, após a morte, dependerá das suas ações boas ou más, destino esse que será eterno.

Dentro deste raciocínio, a Educação nem sempre atingirá seus objetivos, porque o educando, não encontrando respostas para diversas questões, principalmente as que dizem respeito às desigualdades sociais, aos sofrimentos sem causa aparente, não se sentirá propenso à prática do bem, questionando inclusive a bondade e justiça de Deus.

Filosofia Reencarnacionista

As doutrinas reencarnacionistas, principalmente a Espírita, dão um enfoque diferente, conceituando o educando como um ser espiritual, imortal, que pré-existe ao corpo físico e, após o fenômeno da morte, fica um período no mundo espiritual, até novamente retornar ao mundo corpóreo, por intermédio de uma nova encarnação.

Criados simples e ignorantes, os Espíritos encarnam com a finalidade de atingirem à absoluta perfeição moral, ao estado de Espírito Puro. Para cumprir este mister, é necessário fazer crescer as duas asas: a do amor, através do desenvolvimento do senso moral; e a do saber, pelo aculturamento do ser imortal, e para tanto dispõe do tempo necessário nos diversos estágios reencarnatórios.

Emmanuel, na questão 204 do livro “O Consolador”, assim se expressa:

“O sentimento e a sabedoria são duas asas com que a alma se elevará para a perfeição infinita.”

“No círculo acanhado do orbe terrestre ambos são classificados como adiantamento intelectual, mas, como estamos examinando os valores propriamente do mundo, em particular, devemos reconhecer que ambos são imprescindíveis ao progresso, sendo justo, porém, considerar a superioridade do primeiro sobre o segundo, porquanto a parte intelectual sem a moral pode oferecer numerosas perspectivas de queda, na repetição das experiências, enquanto que o avanço moral jamais será excessivo, representando o núcleo mais importante das energias evolutivas.”

Para realizar este crescimento, o Espírito terá necessidade de receber certas informações e experiências de outros seres que já as adquiriram e vivenciaram. Este o papel da Educação.

Em vista disso, o processo educacional pode ser desenvolvido nas diversas fases da vida física (infância, adolescência, mocidade e madureza) e continuada após a desencarnação, no mundo espiritual, já que na lei de Deus só existe um determinismo – a Lei do Progresso.

No livro “O Mestre na Educação”, Vinícius ao focar o assunto, no capítulo intitulado “Educação”, assim se expressou:

“Enquanto os homens persistirem no erro de colocar em primeiro lugar o corpo, nada de que o corpo depende estará acautelado e seguro.*”

“Logo, porém, que o Espírito esteja acima da matéria, a razão acima do estômago e o sentimento acima dos interesses, os problemas da vida humana terão pronta solução. Este

critério está de acordo com as seguintes palavras daquele que é a luz do mundo: “Buscai em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça; tudo o mais vos será dado de graça e por acréscimo.”

Por isso, e para terminar este capítulo, repetimos as sábias palavras do Espírito André Luiz:

A EDUCAÇÃO DA ALMA É A ALMA DA EDUCAÇÃO.”

Homem é espírito eterno.

Seu corpo é vestuário que a alma usa na Terra, em caráter temporário.

José Fuzeira

(Do Livro Trovas de Sombra e de Luz”).

MISSÃO EDUCADORA DOS PAIS

Pode-se considerar como missão a paternidade?

“É, sem contestação possível, uma verdadeira missão. É ao mesmo tempo grandíssimo dever e que envolve, mais do que pensa o homem, a sua responsabilidade quanto ao futuro. Deus colocou o filho sob a tutela dos pais, a fim de que estes o dirijam pela senda do bem, e lhes facilitou a tarefa dando àquele uma organização débil e delicada, que o torna propício a todas as impressões. Muitos há, no entanto, que mais cuidam de aprumar as árvores do seu jardim e de fazê-las dar bons frutos em abundância, do que formar o caráter de seu filho. Se este vier a sucumbir por culpa deles, suportarão os desgostos resultantes dessa queda e partilharão dos sofrimentos do filho na vida futura, por não terem feito o que lhes estava ao alcance para que ele avançasse na estrada do bem.”

(O Livro dos Espíritos - Questão 582)

Nem sempre os jovens ao assumirem o compromisso matrimonial ou passarem a viver juntos, constituindo um lar — o que está se tornando cada vez mais comum em nossos dias — estão conscientizados de que, além da união necessária entre os dois, para expiarem juntos as faltas do passado ou vencerem as provações do presente, assumiram, na maioria dos casos, compromissos com outros Espíritos, de os receberem em seus braços como filhos e ajudá-los na senda do progresso.

Por isso, e quase sempre, os casais não se podem furtar à responsabilidade da paternidade, salvo casos especiais em que os jovens se unem pelo casamento com compromissos outros e estão isentos desta tarefa nobilitante; ainda assim, queremos ressaltar que um determinado casal, por não ter filhos, estará incluído neste exemplo, pois existem espíritos que, por não terem sabido aproveitar a missão da paternidade responsável, reencarnam impossibilitados de, pelo menos, pelas vias naturais, terem seus filhos; mas poderão resgatar seus compromissos com alguns Espíritos, através da adoção ou nas atividades de amparo à criança carente. Mas como esses exemplos representam as exceções, raciocinemos pela regra geral.

Uma vez compromissados com outros Espíritos, devem os casais estar preparados para, uma vez constituído o novo lar, receberem essas almas em forma de filhos, por isso, disseram os Espíritos Superiores ao responderem à questão 582 de "O Livro dos Espíritos", ser a paternidade uma missão, lembrando, entretanto, que se não for bem cumprida, os pais serão responsabilizados pelos fracassos e quedas dos filhos.

Ainda asseveraram que a melhor fase para realizarem essa tarefa, ou seja, a educação dos filhos, é no período infantil, isto porque, não assumindo totalmente o livre arbítrio, até aos sete anos a criança (ser reencarnante) é mais acessível aos conselhos e orientações da experiência. São os capítulos no livro da vida da criança que os pais ajudarão a escrever, se souberem fazer aflorar as tendências positivas que os Espíritos acumularam em encarnações anteriores e procurarem reprimir as más, evitando que criem novas raízes na mente infantil. Esta a missão sagrada dos pais.

Infelizmente, a maioria dos jovens não estão nem informados nem preparados para essa missão e atiram-se na "vida a dois"* com pensamentos outros e quando lhes chegam os filhos, estão mais preocupados em "aprumar as árvores de seu jardim e de fazê-las dar bons frutos em abundância, do que formar o caráter de seu filho...*"1

Quantas mulheres engravidam por simples vaidade e para provarem a outras mulheres ou a si mesmas sua capacidade procriadora; quantos homens se tornam pais, achando que seu único papel é gerar os filhos, mas se isentam de qualquer responsabilidade na educação dos mesmos. Os que assim pensam estão bastante equivocados e, como já dissemos, serão responsabilizados se os filhos vierem a sucumbir.

Para melhor reforçar nossas palavras, invocamos o pensamento de Rodolfo Calligaris no livro "A Vida em Família": "Urge, portanto, façam os pais uma tomada de consciência das suas tremendas responsabilidades, eis que, se negligenciarem da sofrida, mas sagrada tarefa de despertar e desenvolver em seus filhos as qualidades cívicas e morais que constituem o coroamento da educação integral, conhecerão - amanhã ou depois - o dissabor de vê-los formar entre aqueles que, sob as diversas modalidades de delinqüência, ou através das extravagâncias da tristemente famosa "Juventude transviada", manifestam o seu cínico despreço e seu total repúdio às melhores conquistas de nossa Civilização.**

Salomão, em sua sabedoria, nos deixou a seguinte recomendação: "Ensina a criança no caminho em que deve andar, e ainda quando for velho não se desviará dele." - Prov. 22,6.

Esta, repetimos, é a tarefa dos pais na missão da paternidade responsável: colocar os filhos no caminho em que devem seguir para que se tornem homens de bem. Por isso é sempre bom lembrar: em que caminho estamos colocando nossos filhos? No caminho de se tornarem sabidos, espertos, capazes de passarem a perna no próximo para vencerem na vida, ou no caminho da sabedoria, a fim de que usem sempre a inteligência e os talentos doados por Deus para o bem do próximo? Que cada pai, mãe ou educador reflexione sobre estas questões, para que não venham a amargar mais tarde os atos inconseqüentes de hoje.

Finalmente, lembramos as sábias palavras de Jesus, contidas em João 14, 6: "Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim."

Ao dizer que "ninguém vem ao Pai...", Jesus se colocava como o exemplo, pois Ele já estava junto ao Criador. Se Ele dissesse "ninguém vai", significaria que Ele próprio não estava no caminho.

Assim devem agir também os pais. Devem primeiramente colocar-se no caminho, para depois fazer o convite: Vem!

Se quiseres ter bom filho,

Sê o modelo exemplar.

Terás um jovem de brilho Se souberes educar.

Antonio Bispo dos Santos

(Do livro "Antologia de Trovas", da Academia Brasileira de Trova).

QUANDO DEVE SER INICIADO O PROCESSO EDUCATIVO

Em que momento a alma se une ao corpo?

"A união começa na concepção, mas só é completa por ocasião do nascimento. Desde o instante da concepção, o Espírito designado para habitar certo corpo a este se liga por um laço fludico, que cada vez mais se vai apertando até o instante em que a criança vê a luz. O grito que o recém-nascido solta, anuncia que ele se conta no mundo dos vivos e dos servos de Deus."

(O Livro dos Espíritos - Questão 344)

O dogma da pré-existência da alma, anterior ao corpo físico é um dado importante, quando se procura enfocar o problema educacional da criança.

Ao iniciar-se o processo reencarnatório, o Espírito passa por uma fase de perturbação e um véu de esquecimento recai sobre ele. O Espírito André Luiz relata detalhadamente este processo no capítulo 13 do livro "Missionários da Luz" Edição FEB. Entretanto, esta perturbação não isenta o Espírito reencarnante, uma vez unido ao corpo físico que está sendo gerado no organismo materno, de receber as impressões positivas ou negativas que vêm do exterior.

Se o feto (ser biológico), responde às sensações de ruído, forte luminosidade ou desconforto que vem de fora, o Espírito (ser inteligente) não poderia deixar de ser partícipe destas mesmas sensações e daquelas advindas do pensamento, principalmente da mãe.

Visto isso, queremos ressaltar a importância do pensamento positivo em favor do Espírito reencarnante, a partir do momento em que os pais têm a confirmação de que o processo de gravidez teve início; aí deve começar a processo educativo do ser reencarnante.

A literatura específica, principalmente no campo da Psicologia, está repleta de exemplos

dos estragos que uma gravidez indesejada pode causar ao ser humano cujos reflexos aparecerão mais tarde, através de traumas de difícil recuperação. Daí a importância da paternidade consciente, do casal estar bem informado sobre este aspecto, a fim de, uma vez constatada a gravidez, iniciarem a tarefa educacional, envolvendo o Espírito que irão receber em vibrações de amor e carinho, tarefa esta mais diretamente ligada à mulher, já que é ela que está gerando o novo corpo que irá ajudar o Espírito em sua nova oportunidade de evolução. Como na maioria das vezes, recebemos como filhos Espíritos algozes ou aqueles que reencarnam para ressarcir dívidas, nas quais estamos também envolvidos, é mister que mostremos a eles que são bem-vindos aos nossos lares e que estamos ansiosos por ajudá-los nesta nova oportunidade de crescimento espiritual.

Seguindo esta linha de raciocínio que a Doutrina Espírita nos oferece, quanto mais cedo iniciar-se o processo educacional do ser reencarnante, maiores possibilidades de sucesso terão os pais ou aqueles responsáveis pela sua educação.

Lembramos aqui o fato ocorrido com o famoso pedagogo e educador suíço João Henrique Pestalozzi, ao ser procurado por uma mulher preocupada que estava quanto à época de iniciar a educação de seu filho. O educador perguntou-lhe:

- Qual a idade da criança?
- 3 anos, respondeu a mulher.
- Então vá correndo, concluiu Pestalozzi, porque você já está três anos atrasada.

Dentro do conceito reencarnacionista, diríamos que aquela mulher estava três anos e nove meses atrasada em sua tarefa educacional, pois devemos incluir também a fase de sensibilização do Espírito reencarnante, contribuindo destarte com aqueles responsáveis por sua nova existência.

A mulher poderá fazer isso durante o banho ou o descanso, acariciando o próprio ventre e conversando amorosamente com a criança que está sendo gerada, com a certeza de que o Espírito estará recebendo suas vibrações de amor e ternura.

Neste processo de amorização, as preces, os passes e o Culto do Evangelho no Lar são instrumentos eficazes, não só para ajudar a futura mãe, como também criar liames fluídicos necessários entre o ser reencarnante e os pais, como também envolvê-los em vibrações positivas, evitando a ação nefasta de entidades desencarnadas vinculadas com o Espírito que retornará ao palco da vida física, e que não desejam que isto aconteça.

Antes do parto e nos primeiros dias do nascimento, estes recursos deverão ser intensificados, para ajudar a adaptação do Espírito a sua nova situação.

A partir daí, o processo educacional deverá ser contínuo, aproveitando-se todas as oportunidades que surgirem, a fim de que as tendências más trazidas pelo Espírito de reencarnações passadas sejam substituídas por atos de justiça, amor e caridade, que serão as matrizes geradoras de um caráter de retidão, início da formação do homem de bem.

Na lida de educar É preciso ter de cor:

Para se iniciar,
Quanto mais cedo, melhor.

(Do Autor)

COMO AGIR?

“Desde pequenina, a criança manifesta os instintos bons ou maus que traz da sua existência anterior. A estudá-las devem os pais aplicar-se. Todos os males se originam do egoísmo e do orgulho. Espreitem, pois, os pais os menores indícios reveladores do germe de tais vícios e cuidem de combatê-los, sem esperar que lancem raízes profundas. Façam como o bom jardineiro, que corta os rebentos defeituosos, à medida que os vê apontar na árvore. Se deixarem se desenvolvam o egoísmo e o orgulho, não se espantem de ser mais tarde pagos com a ingratidão.”

(O Evangelho Segundo o Espiritismo - Capítulo XIV, item 9).

Nesta mensagem, Santo Agostinho nos oferece um valioso roteiro de como deveremos agir na educação de nossos filhos, Infelizmente, nem sempre estamos atentos para retirar das entrelinhas todos os ensinamentos trazidos pelos Amigos Espirituais.

No capítulo anterior vimos porque é a infância a melhor fase para se desenvolver o processo educativo, pois é nesta fase que a criança manifesta os instintos bons ou maus que traz da sua existência anterior, cujas raízes não sendo profundas, fácil se torna corrigi-las.

Salustiano Silva no livro: “Os pais e a Educação Evolutiva dos Filhos” - Edição LAKE, nos diz: “A observação das diversas e particulares externalizações da criança nas suas atividades do brincar, produto da sua criatividade fantástica, muito informarão como premissas sobre o que serão nos atos do homem adulto.” (...) “Há crianças que, brincando, assumem o papel de força ou prepotência, mostram-se agressivas, procurando impor-se aos outros, enquanto há também, crianças que até mesmo no brincar assumem as funções de proteção, de cuidados maternos ou paternos; umas prestativas, outras só cuidando de si mesma, leais ou hipócritas, etc.”

Por isso, recomenda Santo Agostinho que “a estudá-las devem os pais aplicar-se”. Os responsáveis pela educação de uma criança, estejam no papel de pai ou mãe, avô ou avó, babá ou professor, devem estar atentos, observando como se conduz a criança em seus brincados, no recreio ou nos momentos em que esteja mais quieta - pois aí é que acontecem as coisas mais terríveis — para poder reprimir a tempo as suas inclinações para o mal.

Uma criança que retira uma flor de um jardim para ofertar a um adulto, está demonstrando afeto; outra que, em seus folguedos, arranca a flor e despedaça-a, chuta os galhos de uma planta ou arranca-os pelo simples prazer de destruir, está demonstrando ser um espírito violento e destruidor; aquela outra que pega um inseto e arranca suas asas ou patinhas para fazê-los sofrer está revelando ser má. É lógico que temos que diferenciar estas

demonstrações daquelas outras que indicam sua forte tendência exploratória, querendo conhecer melhor as coisas ou objetos. Mas essas demonstrações podem ser facilmente reconhecidas pela forma com que são executadas, bastando, para isso, que o educador esteja atento a esses detalhes.

Allan Kardec diz que “a educação é o conjunto de hábitos adquiridos”. Ao encontro desta afirmativa está o pensamento de Guy Jacquim: “O senso moral, pouco desenvolvido ainda até a idade dos 6 anos, está mais ligado à lembrança das correções severas e ao receio da palmada do que a um verdadeiro sentimento consciente. Até os 6 anos, educar é preparar para a aquisição de hábitos que se fixarão tanto mais na criança quanto mais normais e naturais lhe tiverem parecido: para isso, é preciso que os exemplos contrários não sejam por demais frequentes (pais, irmãos maiores, crianças vizinhas), e que esses hábitos sejam tão estáveis quanto possíveis e não sofram nunca exceções.”

Lembro aqui um fato por mim presenciado em uma cidade do sul de Minas Gerais, que, como quase todas as cidades do interior, se orgulham de possuir praças com jardins floridos. Uma senhora de meia idade cruzava uma dessas praças levando duas crianças pelas mãos. Em dado momento o menino armou um chute para uma rosa, de cujo galho pendia para a alameda. A mãe, impedindo o gesto do menino, disse:

- Meu filho, assim você estraga o jardim!

Naquele momento, aquela mãe agia como verdadeiro jardineiro, cortando os rebentos defeituosos, à medida que os viu apontar. Sem levantar o tom da voz, sem re-criminá-la com austeridade, demonstrando ser uma boa educadora; aquela mulher procurava incutir no filho hábitos de respeito aos bens públicos e a natureza. Por isso a afirmativa de Rodolfo Calligaris: “Incapazes, na infância e na adolescência, de um juízo perfeito sobre o que é certo ou errado, o que lhes convém ou não, os filhos necessitam que os pais lhes apontem o melhor caminho a seguir e, que nele perseverem.”

E comum, também, as crianças, desde a idade mais tenra, baterem no rosto dos adultos ou quando não satisfeitos em seus intentos, arremessarem longe os objetos que estão em suas mãos ou próxima a elas. Alguns pais ou pessoas mais desavisadas não só, às vezes, aplaudem, como também, incentivam essas demonstrações de violência.

Voltamos a lembrar o posicionamento do Codificador, informando-nos de que a Educação é o conjunto de hábitos adquiridos. Em suas diversas encarnações, o Espírito adquire uma série de hábitos negativos, que começam a aflorar desde a primeira infância, substituir os hábitos negativos pelos positivos é tarefa que compete aos responsáveis pela educação da criança, por isso é que o Espírito Joanna de Ângelis afirma na mensagem “Educação”, contida no livro “Estudos Espíritas”:

“Inegavelmente, na educação a liberdade é primacial, porém com responsabilidade, a fim de que as conquistas se incorporem nos seus efeitos ao educando, que os ressarcirá quando negativos, como os fluirá em bem-estares quando positivos.”

Como agir, eis a questão! Como a criança educar? Muito zelo e atenção no seu lazer e brincar.

(Do autor).

A INFÂNCIA

Qual para o Espírito a utilidade de passar pelo estado de infância?

“Encarnado, com o objetivo de se aperfeiçoar, o Espírito, durante esse período, e mais acessível às impressões que recebe, capazes de lhe auxiliarem o adiantamento, para o que devem contribuir os incumbidos de educá-los.¹”

(O Livro dos Espíritos — Questão 383)

“A infância ainda tem outra utilidade. Os Espíritos só entram na vida corporal para se aperfeiçoarem para se melhorarem. A delicadeza da idade infantil os torna brandos, acessíveis aos conselhos da experiência e dos que devam fazê-los progredir.

Nessa fase é que se lhes pode reformar os caracteres e reprimir os maus pendores. Tal o dever que Deus impôs aos pais, missão sagrada de que terão de dar contas.”

(O Livro dos Espíritos — Questão 385 — Nota de Kardec)

A Psicologia racional do século XVII, considerava o recém-nascido como um homem em pequeno tamanho; John Locke, filósofo inglês, afirmava ser o recém-nascido uma folha em branco; Frederico Froeber, pedagogo alemão, criador dos Jardins de Infância, dizia que em toda criança existe a possibilidade de um grande homem e a Psicologia atual o considera um organismo biológico em crescimento.

Com base nestas teorias, a Pedagogia conceitua o educando como um ser em formação, tomando como princípio que a alma é criada com o corpo.

Fundamentada neste raciocínio, vimos que as diversas escolas pedagógicas, apesar de darem contribuições importantíssimas no campo educacional, não conseguiram atender a todas as necessidades e expectativas do educando, isto porque raciocinam sempre que a criança é somente um ser biológico que possui uma alma, mas não conseguem definir plenamente o que seja essa alma.

A Doutrina Espírita veio acrescentar um dado importante na conceituação do recém-nascido, de que ele é um Espírito reencarnado, com o objetivo de se aperfeiçoar. Por isso, no livro “O Mestre na Educação”, esclarece o autor: “A criança — notemos bem — não é uma entidade recém-criada: é apenas, recém-nascida, fenômeno este que se consuma em cada uma das vezes que o Espírito imortal reveste a indumentária carnal, permanecendo no plano terreno por tempo incerto, que pode ser mais ou menos dilatado.”

A partir desse raciocínio, muda-se completamente os rumos da Educação, pois o educando deixa de ser uma folha em branco, para ser um livro que já possui algumas páginas escritas, isto é, alguns capítulos já concluídos e outros por concluir, tarefa a ser desempenhada por ele, auxiliado por aqueles * “incumbidos de educá-lo.”

Respondendo a Allan Kardec, disseram os Espíritos Superiores que encarnado, com o objetivo de se aperfeiçoar, o Espírito, no período de infância, é mais acessível às impressões que recebe (...).” Isto vem reforçar a tese de que a educação deve sempre visar a criança (Espírito reencarnado), no sentido de orientá-la quanto ao seu crescimento espiritual.

Um autor popular em uma de suas músicas disse: “Pau que nasce torto, não tem jeito, morre torto.” Não podemos concordar com essa afirmação, pois é notório que se o jardineiro ou agricultor colocar escoras na planta que se desenvolve defeituosamente, por ter ainda o seu caule tenro, ela facilmente tomará a posição correta, que é a verticalidade, por necessidade de buscar a luz do sol. O mesmo acontece com o Espírito reencarnante, que traz consigo deformidades; na infância, “a delicadeza da idade os torna brandos, acessíveis aos conselhos da experiência” e o trabalho consciente e contínuo da educação irá, também, colocando-o na verticalidade, em busca da luz perene que emana do Cristo-Jesus.

A evolução do ser humano é gradual e contínua, não existindo segmentos estanques, mas se considerarmos o crescimento físico, a infância e a adolescência são as duas fases onde as transformações são mais acentuadas.

A primeira tentativa de se dividir o desenvolvimento humano em fases, data de 600 anos AC e seu autor foi o grego Sólon, que afirmava que a vida do ser humano se dividia em dez períodos, cada um de sete anos.

Sigmund Freud, fundador da Psicanálise, também dividiu esse desenvolvimento em fases e diz que as primeiras fases do desenvolvimento estão concentradas no próprio corpo da criança, colocando numa energia biológica, que ele denominou “libido”, toda responsabilidade das atividades da criança.

Jean Piaget, eminente pedagogo desencarnado em 1980, aos 84 anos, também dividiu em períodos a vida da criança, tomando por base, entretanto, o desenvolvimento mental. E a seguinte essa divisão:

Período sensório-motor (0-2 anos) - apresenta como características: desenvolvimento da consciência do próprio corpo e desenvolvimento da inteligência em três estágios: reflexo de fundo hereditário; organização das percepções e hábitos e inteligência prática).

Período pré-operacional (2 a 7 anos) - suas características marcantes são: desenvolvimento da linguagem, socialização e desenvolvimento do pensamento (idade dos porquês).

Período das operações concretas (7 aos 12 anos) - esse período é caracterizado pelo desenvolvimento do pensamento lógico.

Como dissemos anteriormente, tanto Freud como Piaget pecaram em seus raciocínios, por não considerarem a existência da alma, explicando esses desenvolvimentos somente em bases biológicas.

Mas o trabalho de Piaget apresenta dados importantes, que não podem ser relegados

pelos educadores.

De 0 a 2 anos, a criança vive o seu próprio mundo, não tomando conhecimento do mundo exterior. Seus reflexos estão condicionados às suas próprias necessidades físicas e fisiológicas; chora quando sente fome ou quando está molhado e adormece quando atendido; sente-se bem quando aquecido, principalmente junto ao corpo materno. Seu relacionamento com o mundo exterior é feito através das cores fortes e dos sons, e a partir do primeiro ano, começa a articular as primeiras palavras, assimilando-as pelo processo da repetição.

De 2 aos 7 anos, a linguagem tem um desenvolvimento mais acentuado, cabendo aos responsáveis pela educação da criança enriquecer o seu vocabulário. A atividade psico-motora também deve ser desenvolvida nesta fase, por isso a importância dos brinquedos educativos ou uso do lápis e do papel. É importante frisar que até os 3 anos a criança tem a tendência de brincar sozinha, ficando indiferente à presença de outras crianças.

A colocação de crianças em creches e escolas maternas só deve ser feita, quando ocorrer a real necessidade da mãe ter de trabalhar fora, pois nenhum outro educador ou instituição substitui os pais e o lar no processo educativo do ser reencarnante.

A partir dos 4 anos a criança, salvo casos especiais, já pode ser alfabetizada no próprio lar, pela mãe ou colocando-a num Jardim de Infância, principalmente se for filho único, pois nessa idade começa também o período de socialização.

No lar, desde que a mãe não seja analfabeta, este processo de primeiro contato com as letras, pode ser iniciado através da associação de letras em palavras curtas e conhecidas do educando, como por exemplo: V de vovó, P de pão, C de cão, etc. Depois de conhecidas as letras, passa-se a formar as palavras utilizadas. Para isso, a criança pode utilizar um pequeno quadro-de-giz, presente mais útil que uma boneca ou carrinho; o processo a ser desenvolvido pelo educador, na maioria dos casos a mãe ou avó, será o da simples conversação, pois esta tarefa poderá ser feita à beira do fogão ou do tanque, porque este é o momento de estar junto da criança.

Dos 5 anos em diante, a criança entra na fase dos porquês e suas dúvidas devem ser tiradas através de respostas simples e objetivas. Aqui registramos o efeito negativo da televisão quando passa, em horários impróprios, certas informações que ainda não estão dentro da capacidade perceptiva da criança, como por exemplo, na campanha contra a AIDS, falar do uso de “camisinhas”. Muitos pais precisam ter muita presença de espírito para explicar a uma criança de 5 anos o que seja “camisinha”.

Até os 7 anos mais ou menos, a criança em seus brinquedos vive o mundo das fantasias. Fala sozinha, conversando com personagens imaginários, mas já brinca com outras crianças, independente do sexo.

Dos 7 aos 12 anos a criança inicia o seu período de escolarização, para melhor

desenvolver o raciocínio lógico. É nesta fase que a criança começa a se desenvolver, utilizando os seus próprios recursos.

Emmanuel, na questão 109 de "O Consolador" assim explica esse fenômeno:

" (...) Até aos sete anos, o Espírito ainda se encontra em fase de adaptação para a nova existência que lhe compete no mundo. Nessa idade, ainda não existe uma integração perfeita entre ele e a matéria orgânica. Suas recordações do plano espiritual são, por isso, mais vivas, tornando-se mais suscetível de renovar o caráter e estabelecer novo caminho, na consolidação dos princípios de responsabilidade, se encontrar nos pais legítimos representantes do colégio familiar."

Filosofia real

Entre as lições que esmerilho:

Toda mulher, quando mãe,

É professora do filho.

Amórico Falcão

(Do livro "Tão Fácil" - Psicografia de F. C. Xavier).

ADOLESCÊNCIA

"A vida do Espírito, em seu conjunto, apresenta as mesmas fases que observamos na vida corporal. Ele passa gradualmente do estado de embrião ao da infância, para chegar, percorrendo sucessivos períodos, ao de adulto."

(O Livro dos Espíritos - Questão 191 - a) - Nota de Kardec)

Quando encarnado, o Espírito passa por determinadas fases do desenvolvimento orgânico, caracterizada cada uma delas, por uma série de formas comportamentais, manifestações de afloramento do acervo de experiências que ele traz de vidas pretéritas, boas ou más.

Após a infância, nesse percorrer de sucessivos períodos, segue-se a adolescência, fase da vida do educando marcada por uma verdadeira efervescência orgânica e mental, que se não bem compreendida pelo educador, pode trazer sérias dificuldades em seu relacionamento com o educando, com graves prejuízos para o processo educacional.

Sob o ponto de vista orgânico, até os 11 - 12 anos, tanto o menino como a menina não apresentam diferenças externas acentuadas, pois se vestirmos duas crianças de sexos diferentes com a mesma roupa, do tipo unisex, e se seus cabelos tiverem o mesmo comprimento, fica difícil reconhecer quem é o menino ou a menina, dificuldade apresentada até se levarmos em consideração a voz. A partir dos 12 anos, em média, essas semelhanças começarão a desaparecer, em virtude do adolescente entrar, nesta mesma fase, na puberdade.

Convém ressaltar que, apesar de ocorrerem simultaneamente, adolescência e puberdade não são a mesma coisa.

Adolescência - Período da vida humana entre a puberdade e a virilidade, que se estende da terceira infância até a idade adulta, caracterizado psicologicamente por intensos processos conflituosos e por persistentes esforços de auto-afirmação. Corresponde à fase de absorção dos valores sociais e elaboração de projetos que impliquem plena integração social.

Puberdade - Conjunto das transformações psico-fisiológicas ligadas à maturação sexual que traduzem a passagem progressiva da infância à adolescência.

A adolescência compreende a faixa etária que vai dos 12 aos 18 ou 21 anos (datas limites que divergem de autor para autor). Os limites de idades aqui considerados podem ser passíveis de consideráveis variações, ocorrendo casos de precocidade ou retardamento, quer sob o ponto de vista físico ou psico-mental.

Neste último, podemos citar como exemplos o menino, arrimo de família que, aos 14 anos sai para ganhar o sustento para a família ou a menina cuja mãe, com necessidade de trabalhar fora, deixa os afazeres da casa e a guarda dos filhos menores sob sua responsabilidade. Nestes casos, estará havendo precocidade, pois os adolescentes estão assumindo o papel de adultos. Por outro lado, um rapaz que após os 21 anos não assume certas responsabilidades inerentes a sua faixa etária, estará se comportando como um adolescente.

Para melhor entendermos a crise da puberdade, vamos analisar primeiro os fenômenos que ocorrem nesta fase.

Ela tem início em idades diferentes para cada um dos sexos; as meninas entram na puberdade mais cedo, entre os 11-13 anos, sendo que a idade média é 12 anos; nos meninos essa idade média é posterior, ocorrendo aos 14 anos.

No sexo masculino, a puberdade tem início quando os testículos (glândulas sexuais masculinas) começam a produzir o hormônio sexual masculino ou testosterona. Lançado no sangue, esse hormônio provoca o desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários; produzido pela hipófise, o hormônio folículo-estimulante (FSH) vai estimular a produção dos espermatozoides (células reprodutoras masculinas), tornando o pubescente apto para a paternidade.

No sexo feminino, o início da puberdade está relacionado com produção dos hormônios FSH e do estrogênio. O primeiro, produzido pela hipófise, vai estimular o desenvolvimento dos folículos de Graaf, que contém os óvulos (células reprodutoras femininas), permitindo a sua maturação; o segundo, isto é, o estrogênio produzido pelos ovários (glândulas sexuais femininas), vai ser responsável pelo surgimento dos caracteres sexuais secundários. Com a maturação do primeiro óvulo e seu lançamento na trompa de Falópio ou oviduto, sua passagem pelo útero e posterior eliminação, acompanhada de uma hemorragia que dura cerca de 3 - 5 dias, fenômeno denominado menstruação ou menarca, é o sinal de que a menina-moça pode ter filhos.*

Para melhor compreensão dos chamados caracteres sexuais secundários, apresentamos o

quadro abaixo:

Sexo Masculino	Sexo Feminino
1. Aparecimento de pelos pu- bianos, nas axilas e em outras partes do corpo.	1. Aparecimento de pelos pu- bianos e nas axilas.
2. Aparecimento de barba.	2. Crescimento das mamas.
3. Crescimento físico desarmoso.	3. Crescimento físico harmonioso.
4. Desenvolvimento dos ossos dos ombros.	4. Desenvolvimento dos ossos da região pélvica (quadris).
5. A voz torna-se grave.	5. A voz continua aguda.

Essas transformações provocam desajustes orgânicos que duram por toda a puberdade, requerendo dos educadores atenção especial, sobre o que falaremos adiante. Por outro lado, há desvios comportamentais provenientes da necessidade de auto afirmação, desvios estes mencionados por Guy Jacquim no livro “As Grandes Linhas da Psicologia da Criança”, e que apresentam as seguintes características:

1. Instabilidade intrínseca, devido ao mesmo tempo à violência dos impulsos e a uma grande fadiga fácil;
2. Repúdio constante às interferências aceitas até então;
3. Busca ansiosa de um equilíbrio novo;
4. Transformação do afeto filial, que se torna mais raciocinado e menos expansivo;
5. Eflorescência de sentimentos violentos que ele esconde o mais que pode sob uma aparência cínica e zombeteira;
6. Crise profunda ocasionada pelo aparecimento de problemas novos e difíceis para os quais nem sempre foi preparado, principalmente na área sexual.

Em vista disso, os educadores devem estar atentos e procurarem entender o que se passa com o adolescente para melhor orientá-lo.

Um dos problemas que mais desconcerta um adolescente é a atitude de indecisão de alguns pais, que não entendendo essa nova fase da vida dos filhos, ora querem situá-los como crianças, ora como adultos e isto acontece frequentemente. Tomemos como exemplo o adolescente que seja encontrado brincando com um carrinho. Os pais o admoestam dizendo que ele não é mais criança; se por outro lado ele deseja ir a uma festinha à noite, os pais não deixam argumentando que ele ainda é criança para sair sozinho.

Como nesta fase o Espírito ensaia seus primeiros passos no processo de auto-afirmação na presente encarnação, é imperioso que os pais comecem a educá-lo dentro da liberdade com responsabilidade. Se o adolescente, menino ou menina, usando ainda o exemplo acima, quer ir a uma festinha na casa de um colega, os pais que souberam educar seus filhos, poderão permitir; se conhecem quem é o amiguinho a coisa se torna

mais fácil, caso contrário, os pais poderão levá-lo até o local, sondar o ambiente procurando ser apresentados aos anfitriões e marcando um horário de retorno, mas isso deverá ser feito com muito tato, para que o filho não sinta que está sendo vigiado, porque isso é o que mais o contraria. Com essa atitude, estão dando um voto de confiança aos filhos, muito importante nesta fase de suas vidas.

É bom frisar que o jovem que é bem orientado, que vive num ambiente equilibrado, cujos pais vivem em harmonia dentro de uma moral sadia, de um modo geral, sabem escolher suas amizades, desprezando aquelas que fogem aos padrões por eles conhecidos.

O maior problema para os pais vai ocorrer no plano religioso, pois na adolescência ocorre uma crise de dúvida intelectual, um abandono ligado às dificuldades morais... Quase sempre o jovem se rebela contra qualquer imposição na área religiosa ou parte para o outro extremo, também perigoso, que é o do misticismo. Por isso, é importante que nesta área o trabalho comece desde a primeira infância e que o adolescente veja nos pais uma conduta religiosa seguida pelo exemplo. Guy Jacquin falando da bela tarefa do educador, assim se expressa:

“Se desejamos que esta criança suba para o céu em linha reta como a palmeira de nossa montanha, sejamos nós mesmos escrupulosamente retos e leais. Que nossa lei moral coincida com a dela e que o nosso caminho não seja sinuoso e escorregadio. Com a criança só há uma estrada possível: a mais reta e a mais justa.”

**Idade de turbulência E de auto-afirmação,
Requer a adolescência Pulso forte e devoção.**

(Do autor)

MOCIDADE

Que é que motiva a mudança que se opera no caráter do indivíduo em certa idade, especialmente ao sair da adolescência? E que o Espírito se modifica?

“É que o Espírito retoma a natureza que lhe é própria e se mostra qual era.”

Se um filho se torna homem de bem, não obstante a negligência ou os maus exemplos de seus pais, tiram estes dal algum proveito?

“Deus é justo.”

(O Livro dos Espíritos - Questões 385 e 583 - a).

Saindo da adolescência, fase de grande turbulência física, fisiológica e comportamental, o ser humano entra na mocidade, período de calma, que tem início aos 18 anos, no qual o desenvolvimento físico é consolidado.

Se o processo educacional foi positivo, o jovem terá condições de enfrentar a vida por si só, buscando a orientação dos mais idosos somente nos momentos mais difíceis de sua vida; se a educação foi deficiente, ele adentrará a mocidade sem uma estrutura resistente o suficiente para encarar a vida e sair vencedor e, de um modo geral, culpará os pais pelo seu

fracasso.

Acontece, porém, que é na mocidade que “o Espírito retoma a natureza que lhe é própria e se mostra qual era”*, fazendo aflorar em toda a sua plenitude suas dificuldades ou virtudes provenientes do passado. Como estamos encarnados num planeta de expiações e provas, segundo classificação feita por Allan Kardec, a maioria dos Espíritos que aqui aportam, traz consigo mais dificuldades do que virtudes.

Se durante a infância e adolescência o Espírito recebeu noções de uma vida moralmente sadia, estará apto para contornar os obstáculos, nos momentos que estes surjam.

Tomemos como exemplo um Espírito que, em encarnação pretérita, teve como motivo de queda o alcoolismo, contraindo seqüelas que ficaram marcadas no perispírito, condicionando-o a fazer aflorar em data aprazada, em sua nova existência, o gosto pelas bebidas alcoólicas. Isto acontece, geralmente, na mesma época em que ele esteve envolvido com o vício na vida anterior. Se este contato ocorreu na juventude passada, o jovem passa a ter a necessidade do álcool e poderá se tornar um alcoólatra, porque o “vírus** da doença estava impregnado no perispírito. O antídoto a esta necessidade será uma vida de sobriedade, não só sua, mas acima de tudo dos próprios pais. Por isso, o perigo dos que comemoram os aniversários dos filhos ou outras datas, para eles importantes, regadas a bebidas alcoólicas e que não se importam que os filhos, bem novos ainda, tomem um pouco dessas bebidas para provar; quando não são eles próprios que incentivam os filhos a esta prática. Festa de criança, é bom lembrar, é para criança e bebida de criança, salvo melhor juízo, é refrigerante ou suco de frutas. Os adultos têm de entender isso. Se não são capazes de se abster das bebidas, que as utilizem em outras oportunidades.

Um outro aspecto bastante pernicioso é a presença do famoso bar dentro dos lares; pode ser chique, mas é perigoso.

Como acontece com o álcool, pode acontecer com outros vícios, de caráter físico ou moral.

Alguma vezes, são os filhos que, chegando à mocidade, estabilizados emocionalmente, amadurecidos devido o afloramento das virtudes que trazem do passado, tornam-se homens de bem. Neste caso, conforme a questão 583 – a de “O Livro dos Espíritos”, os pais é que serão beneficiados pelos exemplos dos filhos, já que “Deus é justo

Por isso, esclarece o querido Mentor Espiritual Emmanuel na questão 134 de “O Consolador”:

“O Espírito que, de algum modo, já armazenou certos valores educativos, é convocado para esse ou aquele trabalho de responsabilidade junto de outros seres, em provação rude, ou em busca de conhecimentos para a aquisição da liberdade. Esse trabalho deve ser levado a efeito na linha reta do bem, de modo que esse filho seja o bom cooperador de seu Pai Supremo, que é Deus.”

Temos observado que, na ânsia de buscar esses “conhecimentos novos para a aquisição da

liberdade”, o jovem passa a ter a necessidade de buscar a Religião, quer seja pelo misticismo aflorado na adolescência, ou pela aversão às coisas espirituais ocorrida nesta mesma fase.

Como nem sempre o jovem teve em casa as noções necessárias de religiosidade ou de convivência cristã, acaba aproximando-se de uma religião, através da curiosidade ou de convites feitos por colegas.

Encontrando na religião respostas aos seus questionamentos íntimos, e identificando-se com ela no seu modo de ver e entender as coisas, tornar-se-á membro do grupo religioso que o acolheu e será, mais tarde, o veículo de aproximação de toda a família com Deus.

E bom frisar que essa aproximação com a religião acontece muitas vezes na própria adolescência. Entretanto, é triste reconhecer que nem sempre essa aproximação é aceita pelos pais, principal mente quando esses estão mais preocupados com as obrigações sociais e o lazer. Acostumados a levar uma vida frívola e sempre acompanhados dos filhos, sentem-se frustrados em ver que eles agora têm uma nova opção de vida. Esquecem esses pais da sabedoria de Salomão ao recomendar:

“Lembra do teu Criador nos dias da tua mocidade, antes que venham os maus dias, e cheguem os anos dos quais dirás: Não tenho neles prazer.” (Eclesiastes 12,1)

A falta de valores morais no seio familiar tem levado muitos jovens a buscarem nas sensações desregradas a fuga para os problemas que os afligem, fazendo com que as amarguras venham não só a abatê-los mais tarde, como também a seus próprios pais. Serão os dias e anos que não terão neles prazer. Por outro lado, pais cujo lar está estruturado nesses valores morais, passarão aos filhos, como herança, a força capaz de fazê-los contornar as situações difíceis e mesmo quando caírem nos labirintos da vida, serem capazes de “dar volta por cima”, levantando-se e retirando da experiência os ensinamentos necessários para não incidirem no mesmo erro.

Analisando a questão 385, que encima este capítulo, nos esclarece Emmanuel na mensagem “Vocação dos filhos”, contida no livro “Caminhos de Volta”:

“- acolhe os filhos que a existência te confiou na categoria de companheiros da jornada humana, necessitados de apoio sem cárcere e de orientação sem violência.” “Sobretudo, observa-lhe as inclinações, a fim de que possas auxiliá-los a descobrir o que buscam nos caminhos do mundo. Quem ama sabe dialogar.”

“Em todas as situações, ouve teus filhos com afetuoso apreço. E auxilia-os a seguir pela estrada que julgarem mais adequada ao que anseiam fazer, na base da consciência tranqüila.”

Se a juventude atendesse ao que a velhice lhe diz, não haveria no mundo tanta gente infeliz.

José Fuzeira

(Do livro Trovas de Sombra e de Luz”)

FAMÍLIA

Há pessoas que, do fato de os animais ao cabo de certo tempo abandonarem suas crias, deduzem não serem os laços de família, entre os homens, mais do que resultado dos costumes sociais e não efeito de uma lei da Natureza. Que devemos pensar a esse respeito?

“Diverso do dos animais é o destino do homem. Por que, então, quererem identificá-lo com estes? Há no homem alguma coisa mais, além das necessidades físicas: há a necessidade de progredir. Os laços sociais são necessários ao progresso e os de família mais apertados tornam os primeiros. Eis por que os segundos constituem uma lei da Natureza. Quis Deus que, por essa forma, os homens aprendessem a amar-se como irmãos.”

(O Livro dos Espíritos – Questão 774)

“Há, pois duas espécies de famílias: as famílias pelos laços espirituais e as famílias pelos laços corporais. Duráveis, as primeiras se fortalecem pela purificação e se perpetuam no mundo dos Espíritos, através das várias migrações da alma; as segundas, frágeis como a matéria, se extinguem com o tempo e muitas vezes se dissociam moralmente, já na existência atual.”

(O Evangelho Segundo o Espiritismo – Capítulo XIV, item 8)

Comunidade constituída por um homem e uma mulher, unidos por laço matrimonial e pelos filhos nascidos dessa união; grupo formado por indivíduos que são ou se consideram consanguíneos uns dos outros, ou por descendentes dum tronco ancestral comum ou ainda célula mater da sociedade, são algumas das definições que se pode dar para família. Todavia, a Doutrina Espírita através da lei da reencarnação amplia este conceito e Joanna de Angelis no livro “Estudos Espíritas” assim define: “(-) grupo de espíritos normalmente necessitados, desajustados, em compromisso inadiável para a reparação, graças à contingência reencarnatória. Assim, famílias espirituais frequentemente se reúnem na Terra em domicílios físicos diferentes, para as realizações nobilitantes com que sempre se viram a braços os construtores do mundo. Retornam no mesmo grupo consanguíneo os espíritos afins, a cuja oportunidade às vezes preferem renunciar, de modo a concederem aos desafetos e rebeldes do passado o ensejo da necessária evolução, da qual fluirão após as renúncias às demoradas uniões no Mundo Espiritual...”

Com essa nova luz, modificam-se conceitos e raciocínios acerca do que seja família. Não mais um grupo de seres ligados somente pelos laços consanguíneos, mas a reunião de espíritos unidos pelas necessidades de resgate e reconciliação, daí ser imperioso de se levarem até o fim os compromissos assumidos na espiritualidade.

Infelizmente, nem todos os jovens que se lançam para o casamento estão suficientemente preparados para uma vida a dois.

No mundo existem cursos com a finalidade de capacitar o homem em todos os campos das atividades profissionais, mas não existe nenhum que procure preparar os jovens para este passo tão importante, que é o casamento, e como consequência, a constituição de uma família. Por isso Pedro Bloch, jornalista, escritor e grande educador brasileiro afirmou (Revista Manchete – outubro/81): “Parece que é mais fácil desintegrar o átomo do que integrar o homem.”

O lar, como instituição educadora por excelência, tem falhado nesta missão, não conseguindo passar aos jovens as mínimas informações sobre o casamento. A jovem, que antes preparava com todo o carinho o seu enxoval, atualmente e para realização própria,

lança-se numa competição desenfreada com o homem e na ânsia de se intelectualizar para melhor competir e posteriormente ao trabalhar, não encontra tempo para aprender e desenvolver aquelas tarefas e prendas tão necessárias para alguém que deseje constituir uma família. O homem, por deformação no processo educativo, acha que como chefe da família, como aquele que é responsável pela manutenção financeira do lar, não deve ter nenhuma outra responsabilidade; esquece-se que "vida a dois" significa dividir responsabilidades e tarefas por dois; se ele aceita que a mulher trabalhe fora para ajudar o orçamento familiar, deve dividir com a esposa as tarefas de casa, como lavar louças ou passar fraldas.

Quando os jovens não estão preparados para o casamento, os resultados, provavelmente, não serão bons; eis a razão do número cada vez maior de desquites e divórcios, com sérios prejuízos para os cônjuges, que adiam as oportunidades de resgate; e para os filhos que, porventura, adviriam destas uniões. Daí a sábia observação de Rodolfo Calligaris contida no livro "A Vida em Família": "Se, em algum tempo, a família deixasse de existir, a sociedade se esbarrondaria inexoravelmente, pois nenhuma outra instituição seria capaz de substituí-la como escola de virtudes sociais." "Também é importante o contributo de Joanna de Ângelis, no livro "Estudos Espíritos": "A Doutrina Espírita, atualizando a lição evangélica, descortina na família esclarecida espiritualmente a Humanidade ditosa do futuro promissor".

"Sustentá-la nos ensinamentos do Cristo e nas lições da reta conduta, apesar da loucura generalizada que irrompe em toda parte, é o mínimo dever de que ninguém se pode eximir."

Família que nos esmaga Çob queixas descabidas,
E prisão em que se paga Os débitos de outras vidas.

Juca Muniz

Do livro Testa de Paz", psicografia de F. C. Xavier).

CASAMENTO E DIVÓRCIO

Será contrário à lei da Natureza o casamento, isto é, a união permanente de dois seres?

"É um progresso na marcha da Humanidade."

(O Livro dos Espíritos - Questão 695)

"A abolição do casamento seria, pois, regredir à infância da Humanidade e colocaria o homem abaixo mesmo de certos animais que lhe dão o exemplo de uniões constantes."

(O Livro dos Espíritos - Questão 686 - Nota de Kardec)

"Ao dizer Deus: "Não fareis senão uma só carne" e quando Jesus disse: "Não separeis o que Deus uniu", essas palavras se devem entender com referência à união segundo a lei imutável de Deus e não segundo a lei mutável dos homens."

(O Evangelho Segundo o Espiritismo - Capítulo XXII, item 3).

Vimos anteriormente que família é a “comunidade constituída por um homem e uma mulher, unidos por laço matrimonial e pelos filhos nascidos dessa união.”

Acreditamos que, ao assim conceituar o termo, o filólogo Aurélio Buarque de Holanda Ferreira não agiu de forma preconceituosa, excluindo a comunidade cujo homem e mulher não estejam unidos pelo casamento, porque, ainda assim, temos uma família. Mas ao colocar no seu conceito a necessidade da união pelo laço matrimonial, quis reforçar a importância deste para a formação de uma família e nisto vem corroborar os ensinamentos trazidos por Allan Kardec.

O casamento “é um progresso na marcha da Humanidade” e não uma instituição falida, como muitos procuram alegar. O Codificador “constitui um dos primeiros atos de progresso nas sociedades humanas, porque estabelece a solidariedade fraterna.”

Por outro lado, como foi mostrado no capítulo “Família”, nem todos os jovens estão preparados para assumir compromisso de tão alta responsabilidade e nos primeiros revezes da vida em comum, procuram a separação pura e simples ou através dos recursos da Justiça, por intermédio do desquite ou do divórcio. Para estes, sim, o casamento foi uma instituição que faliu, porque uma ou ambas as partes não conseguiram cumprir a sua cota do processo contratual. E esta despreparação é que tem contribuído para o aumento cada vez maior do número de lares desfeitos.

O Espiritismo não é contra o divórcio, pois Allan Kardec afirma, no item 5 do capítulo XXII de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”: “O divórcio é lei humana que tem por objeto separar legalmente o que já, de fato, está separado.” Lembra o Codificador ainda que “nem mesmo Jesus consagrou a indissolubilidade absoluta do casamento. Não disse Ele: “Foi por causa da dureza de vossos corações que Moisés permitiu despedísseis vossas mulheres?*” Isto significa que, já ao tempo de Moisés, não sendo a afeição mútua a única determinante do casamento, a separação podia tornar-se necessária.”

Interesses pessoais, estabilidade financeira, necessidade de afirmação, independência do jugo paterno e atração física, são alguns fatores que, se levados em conta separadamente, podem levar um casamento ao fracasso.

Ao abordar o tema “Família” no livro “Estudos Espíritas”, esclarece Joanna de Angelis: “Quando os jovens se resolvem consorciar, impelidos pelas imposições carnis, a futura família já padece ameaça grave, porquanto, em nenhuma estrutura se fundamenta para resistir aos naturais embates que a união a dois acarreta, no plano do ajustamento emocional e social, complicando-se, naturalmente, quando do surgimento da prole.”

Se a separação ocorre antes que o casal tenha filhos, o problema fica mais fácil de ser resolvido, já que temos de considerar Os chamados casamentos acidentais, que não estavam planejados na espiritualidade, fruto do livre-arbítrio das almas quando encarnadas, e neste caso fica mais fácil a cada uma das partes procurar, mais tarde, constituir nova família.

Quando, entretanto, a separação é concretizada e o casal já possui filhos, ela se torna perigosa, em virtude dos traumas que podem ocorrer no psiquismo dos filhos.

O casal que perde o respeito mútuo, partindo para a agressão física e moral; o homem violento que espanca a mulher e, em alguns casos os próprios filhos; a infidelidade conjugal, quando um dos cônjuges perde o senso da moral e de respeito a si próprio; o homem que mantém duas famílias, colocando em dificuldades financeiras a legalmente constituída, são alguns argumentos fortes para a solicitação do divórcio. Notamos, porém, que grande parte das separações tem ocorrido sem motivo aparente, fruto da instabilidade emocional ou de amadurecimento dos cônjuges e os filhos tornam-se as vítimas da falta de responsabilidade dos pais.

Ademais, vimos que a falta de conhecimento da lei de “causas e efeito” e da reencarnação, é que tem levado muitos casais à separação, já que, desconhecendo a mecânica dos compromissos reencarnatórios e dos laços de compromissos assumidos na espiritualidade com almas em reajuste, fica difícil levar adiante um casamento em que uma das partes não está cumprindo com seus deveres, porém, a história está cheia de exemplos de criaturas que, mesmo passando por sérios dissabores, conseguiram levar o casamento até o final.

A Doutrina Espírita não é contra o divórcio, mas aponta como único caminho para as uniões eternas, a educação integral do ser humano.

Se houvesse amor para sempre (Perdoem o meu palpite)

Não surgiria na Terra Tanta gente no desquite.

Carlos Gondim

(Do livro Testa de Paz”, psicografia de F. C. Xavier).

FILHOS DE CASAS SEPARADOS

Qual seria, para a sociedade, o resultado do relaxamento dos laços de família?

“Uma recrudescência do egoísmo.”

(O Livro dos Espíritos – Questão 775)

“Quis Deus que os seres se unissem não só pelos laços da carne, mas também pelos da alma, a fim de que a afeição mútua dos esposos se lhes transmitisse aos filhos e que fossem dois, e não um somente, a amá-los, a cuidar deles e a fazê-los progredir.”

(O Evangelho Segundo o Espiritismo – Capítulo XXII, item 3).

No livro “A Vida em Família” de Rodolfo Calligaris, Elias Barbosa relata trechos do livro “My Life”, de Isadora Duncan, famosa bailarina nascida na Califórnia (EUA), no século passado. Vamos reproduzir o texto na íntegra, porque nem sempre os leitores atentam para os conteúdos preciosos que os prefácios dos livros encerram.

“Eu não conhecia meu pai, porque minha mãe se tinha divorciado quando eu ainda era criança de colo. Uma vez, perguntando a uma de minhas tias se eu nunca tivera pai, ela

respondeu-me: “Seu pai foi um demônio que arruinou a vida de sua mãe.” Depois disto, sempre o imaginei como um desses demônios dos livros de figuras, com chifres e rabo, e quando, no colégio, outras crianças aludiam ao pai, eu não sabia o que dizer.

Por volta dos sete anos, ao tempo em que ocupávamos dois quartos pobres, num terceiro andar, como alguém tocasse a campainha da porta da frente, que se comunicava com o hall, fui ver quem era. Dei com um homem muito bem vestido, de cartola, e que me disse:

- Sabe onde é o apartamento da Sra. Duncan?

- Eu sou a filha dela.

- Como? Então você é a minha princesinha Pung? - perguntou o estranho personagem.

(Era assim que me chamavam quando eu era pequenina).

E, bruscamente, tomou-me nos braços e cobriu-me de lágrimas e beijos. Eu não vinha a mim do meu espanto, e quis saber quem assim me acariciava:

- Sou seu pai — disse-me ele, ainda entre lágrimas.

Fiquei encantada com o que ouvia e corri para avisar os meus.

- Tem aí um homem dizendo que é meu pai.

Minha mãe levantou-se, muito pálida e agitada e, refugiando-se no outro quarto, trancou-se a chave.

Um de meus irmãos meteu-se embaixo da cama e o outro escondeu-se num armário, enquanto minha irmã se debatia numa violenta crise nervosa.

- Diga a ele que se vá embora, gritavam todos.

Atordoada, não sabia o que pensar, mas como era uma menina bem-educada, voltei ao hall e disse:

- Todos estão doentes e hoje não podem receber o senhor.

Ouvindo isso, ele tomou-me pela mão e convidou-me para dar um passeio.

Descemos as escadas e, na rua, eu saltitava ao lado dele, num estado de verdadeiro maravilhamento à idéia de que aquele belo homem era o meu pai e que eu não lhe encontrava nem os chifres nem o rabo do tal demônio com quem sempre o comparara.

Ele levou-me a uma confeitaria e encheu-me de doces e sorvetes. Voltei para casa numa felicidade completa, mas ainda encontrei minha mãe e meus irmãos mergulhados no mais profundo abatimento.

— Pois eu gostei bem dele. E um homem bonito...

E disse que vai voltar amanhã, para me levar novamente à confeitaria.

Mas inda dessa vez, ninguém o quis rever e não tardou que ele voltasse a Los Angeles, onde tinha constituído outra família.”

Este fato vem demonstrar que, quando ocorre a separação, nem sempre o cônjuge que fica com a guarda dos filhos age com a devida caridade, fazendo que eles respeitem o pai ou mãe que está ausente.

Por outro lado, e a prática tem demonstrado isso numa verdade fria e cruel, a educação

de uma criança não pode ser feita somente por uma das partes, excetuando-se casos muitos especiais em que o marido ou a mulher possua virtudes excepcionais neste sentido e uma capacidade ou, como se diz vulgarmente, jogo de cintura capaz de contornar todos os obstáculos que por certo irão surgir. Como nem sempre isso acontece, a regra geral é a criança ressentir a ausência daquele que deixou o lar, na maioria dos casos, o pai.

Em virtude disso, um casal que pretenda a separação e, principalmente, se o motivo for a incompatibilidade de gênios, deveria consultar os filhos, se estão de acordo com a separação, pois movidos pelo egoísmo e orgulho, nenhum dos dois nem a própria Justiça procuram ouvir a opinião da parte mais prejudicada com a separação – os filhos.

Consumada a separação, começam a surgir os problemas. Primeiramente a briga do casal pela guarda dos filhos, que nem sempre ficam com aquele que eles realmente desejariam, problema muito bem abordado no filme “Kremer & Kremer”. Se os filhos ficam com a mãe, e como a pensão alimentícia dada pelo pai nem sempre é suficiente, a mulher é obrigada a trabalhar fora, ausentando-se do lar, deixando as crianças sozinhas, com a empregada ou avó; se é o homem que passa a ter a guarda dos filhos (fato bastante raro), falta-lhe aquele jogo de cintura para ser pai e mãe ao mesmo tempo e este procura uma nova companheira, o que nem sempre é bem aceito pelos filhos, principalmente quando já estão na adolescência ou mocidade.

A não aceitação da separação cria problemas emocionais, que vão se refletir nas atitudes da criança e principalmente no rendimento escolar. Consultem-se as causas que levam os jovens a se desmotivarem dos estudos, a agirem de forma violenta, a enveredarem pelos caminhos da delinqüência e dos vícios e constataremos que, na maioria dos casos, estes jovens são filhos de casais separados.

Um jornal de grande circulação no Rio de Janeiro publicou artigo com dados estatísticos sobre a quantidade de separações conjugais em alguns países, demonstrando que as cifras são bastante alarmantes.

Lembramos ainda, para melhor ilustrar o problema, o chamado caso Mônica, bastante divulgado pelos meios de comunicação. Sua desencarnação ocorreu devido a sua presença, alta hora da noite no apartamento de um jovem, que não soube respeitar sua condição de menina-moça. Uma coisa existia em comum entre Mônica e o jovem responsável pela sua desencarnação: ambos eram filhos de casais separados.

Por isso, afirmou a escritora e educadora Maria Junqueira Schmidt: “Se o lar falhar nos seus deveres para com a criança, muito provavelmente a criança falhará nos seus deveres para consigo mesma, para com a família e a sociedade, e para com Deus.*”

**Sem família organizada Cai o progresso à deriva,
Com toda a Terra voltando Para a selva primitiva.**

Auta de Souza

(Do livro “Festa de Paz”, psicografia de F. C. Xavier).

O PROBLEMA SEXUAL

Têm sexos os Espíritos?

“Não como o entendeis, pois que os sexos dependem da organização. Há entre eles amor e simpatia, mas baseados na concordância dos sentimentos.”

(O Livro dos Espíritos – Questão 200)

Em nova existência, pode o Espírito que animou o corpo de um homem animar o de uma mulher e vice-versa?

“Decerto, são os mesmos os Espíritos que animam os homens e as mulheres.”

(O Livro dos Espíritos – Questão 201)

“Os sexos só existem no organismo. São necessários à reprodução dos seres materiais. Mas os Espíritos, sendo criação de Deus, não se reproduzem uns pelos outros, razão porque os sexos seriam inúteis no mundo espiritual.(...)”

Aos homens e às mulheres, são, assim, assinados deveres especiais, igualmente importantes na ordem das coisas; são dois elementos que se completam um pelo outro.”

(Revista Espírita – Janeiro de 1866)

Uma outra informação importante fornecida pela Doutrina Espírita é a de que o Espírito, isto é, o ser inteligente não tem sexo, podendo encarnar tomando o corpo masculino ou feminino.

Considerando-se a alma, conforme referencial fornecido por Allan Kardec, como o Espírito reencarnado, ou seja, revestido de um corpo carnal, temos que levar em conta ainda a existência do perísprito. Portanto, temos a seguinte trilogia:

Espírito — centelha divina, imaterial, imortal e sem sexo.

Perísprito – corpo espiritual, semimaterial, cuja forma pode ir se consolidando como homem ou mulher, em função do número de encarnações num ou noutro sexo.

Corpo físico – perecível, sede da diferenciação sexual, que nasce com o indivíduo através dos caracteres sexuais primários e que se consolidam na puberdade.

Durante o período de infância da Humanidade, o sexo era usado pura e simplesmente para a perpetuação da espécie. Depois foi-se transformando em instrumento de prazeres, degenerando-se, no campo das paixões exorbitantes ou nas bacanais de algumas civilizações antigas.

Ainda devido a uma interpretação errônea de sua real utilidade, foi tido como coisa pecaminosa durante toda a Idade Média, apesar de suas manifestações desregradoras não conseguirem ter sido controladas, neste período, principalmente na cortes européias e, assim, adentrando as primeiras décadas de nosso século.

Como ao homem tudo era lícito e às mulheres, a total desinformação acerca do assunto, o sexo sempre foi mais instrumento de prazer do homem do que da mulher, daí as leis absurdas que surgiram desde a Antigüidade, como a mosaica, de levar ao apedrejamento as

mulheres apanhadas em flagrante adultério e a existência e aceitação das concubinas e dos filhos bastardos.

Deve-se a Sigmund Freud, criador da Psicanálise, ao final do século passado e começo deste, o início da liberação do sexo, derrubando tabus e preconceitos, mas pecando ao fundamentar seus princípios de análise no materialismo, transferindo para a libido a responsabilidade por quase todos os problemas em torno da neurose humana, conforme esclarece Joanna de Angelis no livro "Estudos Espíritas".

Graças a isso, nos diz a Mentora Espiritual: "Freud passou a ver o sexo em tudo e classificou inibições, frustrações, castrações e complexos do homem como sendo seus próprios problemas sexuais, esquecendo-se ele e seus cooperadores de detectar no espírito as nascentes das distonias emocionais das variadas psicopatias."

Mas somente após a Segunda Grande Guerra é que a juventude começou a se libertar dos tabus que refreavam as atividades sexuais, surgindo a chamada juventude transviada e, posteriormente, na década de 60, o movimento hippie, que traçou novos padrões comportamentais com o desfraldar da bandeira do amor livre.

A partir daí, a sexualidade e o erotismo tomaram rumos novamente perigosos, pois, partindo de uma repressão calcada na ignorância e preconceito, partiu para o outro extremo, a liberação desenfreada; da proibição para o desregramento; do uso para o abuso.

Apesar de todo o avanço da Humanidade, o homem que, no campo da ciência e da tecnologia, conseguiu verdadeiros milagres, continua totalmente ignorante às reais utilidades da sexualidade. E o nosso século que poderia ser o século da luz, continua sendo o das trevas no campo sexual.

Nossos jovens que possuem todo um acervo cultural à disposição, quer através dos meios de comunicação, quer através dos livros específicos, na realidade nada ou muito pouco conhecem do assunto. Quando abordamos o problema em sala de aula, as perguntas e dúvidas que surgem são as mais absurdas possíveis e quase sempre voltadas para a sensualidade e o erotismo, isto porque, por negligência ou medo dos pais em abordar o assunto, as informações que lhes chegam são sempre através dos colegas "mais experientes" ou da literatura pornográfica.

Desconhecem esses jovens que as forças que regem a atividade sexual é a mesma que rege a lei de afinidade das espécies químicas (força interatômica) ou entre as moléculas, para formar as substâncias (força intermolecular). Nos animais se manifesta como lei de atração entre macho e fêmea de cada espécie, para a reprodução.

No homem, entretanto, já mais aprimorada, não serve unicamente para a atração sexual, mas é a energia que mais tarde se transformará no amor espiritual, que irá sublimar o ser humano. E a energia que alimenta o homem e a mulher que usam o sexo dentro dos princípios nobilitantes, por ser feito com amor, e o amor é o alimento da alma.

Por desconhecer esses princípios, os jovens passam pela adolescência com a visão

destorcida da sexualidade, olhando a atividade sexual como simples fonte de prazer, e a jovem que deveria sair da adolescência e entrar na mocidade, para chegar ao casamento guardando consigo a pureza, passa a ter relações sexuais pré-matrimoniais, aumentando cada vez mais o número de mães solteiras e, numa proporção direta, a diminuição da faixa etária em que isso acontece, e esta cifra é tão alarmante que já preocupa as autoridades de muitos países, como é o caso da Suécia. Somando a isso, o problema de aborto, fruto da gravidez indesejada, porque antes da época..

A virgindade, que caracteriza essa pureza, é considerada por muitos como coisa do passado e fardo pesado demais para uma jovem carregar até o casamento.

Por outro lado, pela idéia que vem desde a Antigüidade de que o homem é o ser superior e a mulher feita para servi-lo, muitos pais não só aplaudem, mas procuram induzir os filhos nestas experiências pré-matrimoniais, para provar a si mesmos a virilidade deles. É o velho ditado: "Prendam suas cabras, pois meu bode está solto."

Se o jovem leva uma vida sadia física e moralmente, entregando-se à prática de esportes e à caridade, às artes ou outras atividades intelectuais, verá sempre na menina ou jovem a amiga ou companheira, sabendo conviver com ela dentro de um relacionamento sadio.

Algumas correntes religiosas ainda vêem o sexo como coisa pecaminosa, que deve ser usado somente para a procriação, mas o Espiritismo vem esclarecer que esta energia, na adolescência e mocidade, pode ser usada para criar o belo e o bom e no matrimônio, além de sua importância como mantenedor da espécie, é a forma do casal se alimentar mutuamente, neste ensaio do amor perene e divino.

Uma questão que tem causado bastante polêmica no Brasil é a Educação Sexual, fazendo parte dos currículos de 1^o e 2^o graus. Mas o que é Educação Sexual? Somente o conhecimento da anatomia e fisiologia do homem e da mulher na área da reprodução? Esse conhecimento já faz parte do currículo de Ciências, no 1^o grau, quando se estuda o corpo humano. Será isso que os pedagogos chamam de Educação Sexual? Se a educação é a arte de criar hábitos a educação sexual será a arte de criar hábitos sadios para se saber utilizar bem a energia sexual. Mas será que os atuais educadores estarão em condições de orientar os alunos nesta arte? A experiência nos tem demonstrado que, em geral, não. Serão "cegos conduzindo outros cegos", segundo a expressão evangélica.

Por isso, o Dr. François Goust em seu livro "Virilidade, Sexo e Amor" diz: "O papel do educador não é impor uma máscara silenciosa e imóvel a seu discípulo. Não é opor-se, de forma estúpida e inútil, a que ele viva corajosamente a própria vida. Mas sim estar presente ao jovem, conquistar sua confiança e confiar nele, estar disponível para as confidências. E granjear um lugar no coração daquele que lhe foi confiado, é tornar possível, lenta e insensivelmente - por um doloroso despojamento de si mesmo - todos os diálogos e todas as confissões. E ser uma consciência lúcida, que já alcançou a maturação, em intimidade quase

completa com „, uma consciência ainda imatura e fracamente iluminada. E trabalho de longo fôlego, cujos frutos só mais tarde poderão ser colhidos.”

O próprio mundo realça Esta verdade sabida: Amor livre é a nota falsa No pau de sebo da vida.

Oscar Batista

(Do livro Paz e Alegria, psicografia de F. C. Xavier).

AMOR E DES AMOR

“A natureza deu ao homem a necessidade de amar e de ser amado. Um dos maiores gozos que lhe são concedidos na Terra é o de encontrar corações que com o seu simpatizem. Dá-ihe ela, assim, as primícias da felicidade que o aguarda no mundo dos Espíritos perfeitos, onde tudo é amor e benignidade. Desse gozo está excluído o egoísta.”

(O Livro dos Espíritos - Questão 938 - Nota de Kardec).

Estando em a Natureza o amor materno, como é que há mães que odeiam os filhos e, não raro, desde a infância destes?

“Às vezes, é uma prova que o Espírito do filho escolheu, ou uma expiação, se aconteceu ter sido mau pai, ou mãe perversa, ou mau filho, noutra existência. Em todos os casos, a mãe má não pode deixar de ser animada por um mau Espírito que procura criar embaraços ao filho, a fim de que sucumba na prova que buscou. Mas, essa violação das leis da Natureza não ficará impune e o Espírito do filho será recompensado pelos obstáculos de que haja triunfado.”

(O Livro dos Espíritos - Questão 891)

E notório o efeito do amor sobre o ser humano, isto ninguém discute. Por ser sabedor deste efeito é que o apóstolo Pedro nos deixou a memorável recomendação: “Acima de tudo, porém, tende amor intenso uns para com os outros, porque o amor cobre multidão de pecados.*” (1 Pedro: 4,8).

Como a maioria dos Espíritos que reencarnam na Terra são pecadores, isto é, transgressores das leis divinas, será necessário envolvê-los com “amor intenso”, segundo a expressão do apóstolo, para que o ser reencarnante possa libertar-se do seu passado doloso.

Pais existem que cobrem os filhos de carinho quando nascem e demonstram amor por eles durante a primeira infância. Entretanto, à medida que os filhos crescem, a chama do amor vai diminuindo e a criança ou o jovem vai se sentindo abandonado, sem receber manifestações de carinho e de amor; outros, que não foram criados nem acostumados com amor e carinho, comportam-se indiferentes a estas manifestações junto aos filhos, são os mornos no amar, segundo expressão evangélica; outros ainda, não conseguem dividir igualmente o amor com todos os filhos e acintosamente, dedicam mais amor e atenção a um determinado filho em detrimento dos outros, que se sentem relegados a segundo plano

e acabam, muitas vezes, descarregando em cima do irmão seus descontentamentos.

Sabemos que, na maioria dos casos, recebemos em nossos lares Espíritos desafetos, para que na convivência diária, possamos aparar as arestas que se criaram em vidas anteriores, não sendo fácil esta reaproximação, porque os fluidos contrários de que são portadores – pais e filhos – se repelem. Sabedores de que estamos compro- 72 missados com eles, imperioso nos esforcemos para quebrar a barreira de gelo que se formou entre ambos.

A onda de violência que se espalha pelo mundo tem como uma das causas o desamor, não só dentro do lar, mas também da Sociedade para com seus cidadãos, principalmente a indiferença de todos para com a criança.

Quando se procura diagnosticar o porquê do comportamento violento e da rebeldia de certos jovens ou crianças, vamos encontrar como causas: a desestrutura no lar onde a violência parte dos próprios cônjuges; o problema de serem filhos de casais separados ou pais ignorados; crianças ou adolescentes cujos pais trabalham fora e que ficam a maior parte do dia entregues à própria sorte; filhos de pais que, fugindo à responsabilidade, abandonaram o lar; e os que, apesar de pertencerem às classes mais privilegiadas, possuem pais que estão mais preocupados com a própria realização pessoal e deixam a educação dos filhos entregue a terceiros, fazendo dos filhos órfãos de pais vivos.

E quando falamos em violência, não podemos esquecer as crianças vítimas de espancamentos praticados pelos próprios pais, atos estes acompanhados de requinte de crueldade, vindo muitas delas a desencarnarem. Existe ainda outro tipo de violência, que não deixa cicatrizes no corpo, mas na alma, que é a indiferença. Para exemplificar, lembro o caso de uma aluna de 8 – série, aliás uma excelente aluna, que certa feita, ao ser notificada de uma reunião que haveria na escola entre a direção e os pais, e devido a recomendação de que os alunos cujos pais não comparecessem à citada reunião, não assistiriam as próximas aulas, nos endereçou um olhar muito triste e indagou o que aconteceria com ela, porque sua mãe não viria à reunião. Para contemporar a situação, eu disse àquela jovem que a Direção iria entender que sua mãe não poderia vir à escola, ao que ela arrematou:

- Professor, minha mãe não vem porque não quer.

Só aí senti o drama daquela adolescente, vítima da indiferença da própria mãe. Esquecem esses pais que o amor é o alimento da alma, daí a recomendação de Jesus: “Amai-vos uns aos outros, tanto quanto eu vos amei”.

Considerando-se que nenhum Espírito foi criado por Deus para sofrer ou ser infeliz, a nossa contribuição na obra da criação será a de oferecermos nossa cota de amor aos companheiros de jornada, principalmente àqueles que estão dentro do nosso lar, a fim de que tornemos seus caminhos mais fáceis de serem percorridos. Por isso, Jesus coloca o verbo no imperativo. Ou nos amamos uns aos outros ou estaremos complicando a nossa e a vida de nosso semelhante. É o imperativo da lei.

Sentimento sem igual que o coração dá guarida o amor é meta, é ideal, ele é a síntese da vida!

Durvelina Santos

(Do Livro "Antologia de Trovas" - da ABT).

AUTORIDADE PELO EXEMPLO

"Aos olhos de Deus, uma única autoridade legítima existe: a que se apóia no exemplo que dá do bem."

(O Evangelho Segundo o Espiritismo - Capítulo X, item 13).

Ao tempo de nossos pais, a autoridade paterna era exercida, na maioria dos casos, pela força e arrogância. As crianças não podiam conversar à mesa e havia sempre aquela recomendação de que "em conversa de adultos criança não podia dar palpite". Muitos de nós ainda fomos criados por este regime. Entretanto, nem sempre as palavras dos adultos eram seguidas pelo exemplo.

Infelizmente, alguns filhos assim criados quando se tornam pais, partem para o outro extremo, também perigoso, educando seus filhos com total liberdade, o que resulta, na maioria das vezes, em falta de respeito por parte da criança, não só para eles, como a outras pessoas mais idosas. Como foram criados com rédea curta, soltam totalmente as rédeas e a criança passa a agir como um corcel, cujo cavaleiro perdeu o seu controle. Se por um lado, o autoritarismo exagerado dos pais não ajuda na educação da criança, pois lhe tolhe o livre arbítrio e sua autenticidade infantil, a liberdade, também exagerada, é um desastre maior, devido aos maus pendores que a alma traz de encarnações pretéritas.

Quantas mães são chamadas à escola de seu filho por problemas de disciplina deste e com a maior naturalidade, pedem que a professora aja com severidade, porque elas não agüentam mais, exclamando:

— Eu não posso com fulaninho!

E não nos estamos referindo a filhos adolescentes e sim a crianças cursando as primeiras séries do primeiro grau. "Joãozinho não me obedece" ou "Mariazinha tem muita personalidade, não atende nem a mim nem ao pai", são frases comumente ouvidas nas escolas, num eterno desculpismo de mães que não souberam manter uma certa ascendência moral sobre os filhos. Esses pais querem transferir para a Escola e para a professora responsabilidade que lhes compete realizar.

Por outro lado, existem aqueles que por necessidade de trabalharem fora (marido e mulher), quando chegam em 'casa, ou por cansaço ou para compensar o tempo que estiveram ausentes, deixam os filhos fazerem o que bem entendam, gerando em seus filhos comportamentos que serão as matrizes do futuro delinqüente.

Jesus foi o maior exemplo de amor e mansuetude que o mundo conheceu, todavia, quando se fazia necessário, agia com extrema energia. Foi usando a energia magnética do

seu olhar que ele expulsou os mercadores do templo e fez recuar os homens cujo propósito era de apedrejar a mulher adúltera.

O pai que tem ascendência moral sobre os filhos não precisa brigar, gritar ou castigar. Basta um olhar mais firme para que a criança entenda que está fazendo algo errado.

O que temos observado é que os pais, devido a uma má formação educacional, passam para os filhos maus exemplos e ficam sem moral para cobrar deles uma conduta de retidão. E o pai que fuma e repreende energicamente o filho por encontrá-lo fumando; é a mãe que manda a criança dizer para alguém que bate à porta que ela não está; são pais que mandam os filhos ainda novos ao bar comprar cigarros ou bebidas; outros, para mostrar que são pais modernos, fazem a criança provar bebidas alcoólicas na frente de amigos; ou ainda aqueles que usam e abusam do palavriado chulo ou dos palavrões dentro do lar e acabam passando vergonha, quando os filhos repetem, na frente de estranhos, aquilo que freqüentemente ouvem em casa. Esses pais irão amargar no futuro os maus exemplos que passaram para os filhos.

Ao contrário, pais que só passam exemplos positivos, terão que se orgulhar pela conduta dos filhos.

Em minha adolescência, participei das atividades da Campanha do Quilo, em benefício do Lar de Jesus, instituição de amparo a meninas e sediada em Nova Iguaçu (RJ), fundada pelo casal Marília Barbosa e Leopoldo Machado. Em uma das casas que passávamos para recolher o auxílio, éramos muito bem atendidos e sentíamos que realmente o donativo era dado com muito amor. Geralmente, a mãe fazia questão de entregar o donativo à filha, uma menina de uns três ou quatro aninhos, para que ela a colocasse numa sacola de pano que usávamos. Com a continuidade, ao nos aproximarmos do portão, a menina saía correndo para chamar a mãe, gritando:

- Mãe, o moço do saquinho azul está aí!

São exemplos como este que dignificam o ser humano e nos davam forças e alento para continuar naquele trabalho. Daí porque convém repetir este pensamento de Corneille: "O exemplo é muito mais eficiente do que a ameaça."

Resguarda os teus pequeninos,

Onde estejas e onde vais;

A criança no futuro É a foto viva dos pais.

Casimiro Cunha

(Do livro "Tão Fácil", psicografia de F. C. Xavier).

DIREITOS E DEVERES

Da necessidade que o homem tem de viver em sociedade, nascem-lhe obrigações especiais?

"Certo e a primeira de todas é a de respeitar os direitos de seus semelhantes. Aquele que respeitar esses direitos procederá sempre com justiça. Em o vosso mundo, porque a maioria

dos homens não pratica a lei de justiça, cada um usa de represálias. Essa a causa da perturbação e da confusão em que vivem as sociedades humanas. A vida social outorga direitos e impõe deveres recíprocos.”

(O Livro dos Espíritos – Questão 877)

“O dever é o resumo prático de todas as especulações morais; é uma bravura da alma que enfrenta as angústias da luta; é austero e brando; pronto a dobrar-se às mais diversas complicações, conserva-se inflexível diante das suas tentações. O homem que cumpre o seu dever ama a Deus mais do que as criaturas e ama as criaturas mais do que a si mesmo. É a um tempo juiz e escravo em causa própria.”

(O Evangelho Segundo o Espiritismo – Cap. XVII, item 7).

A maioria das pessoas gostam de exigir os seus direitos, mas não gostam de cumprir com os seus deveres, isto porque, desde criança, aprenderam mais a exigir do que a dar.

Saber cumprir o dever, não como alguma coisa forçada, feita de má vontade, mas como “uma bravura da alma”, é um hábito que tem de ser cultivado desde os mais tenros anos. Para tanto, devem os pais, como verdadeiros educadores, desenvolver esses hábitos. Devem mostrar à criança que, para melhor harmonia no lar, ela deverá cumprir com alguns deveres.

Inicialmente, será o recolher dos brinquedos após os momentos de brincadeira; quando ela atingir uma idade de maior entendimento, por volta dos 5 anos, deverá colocar a roupa suja no cesto após o banho e realizar pequenas tarefas de ajuda a sua mãe. A menina com essas atividades começará a se preparar para assumir o comando do lar mais tarde, e o menino aprendendo essas atividades domésticas, saberá, quando casado, ajudar sua esposa nos trabalhos de casa. Será exatamente nesses momentos, em que a mãe, usando o método da simples conversação, poderá ir realizando o processo educacional, através de sua experiência de vida.

Durante séculos, a educação “machista” considerava que ao homem cabia somente buscar o sustento para a família e a mulher deveria realizar as atividades domésticas. Hodiernamente, a situação está mudando, não somente porque o homem entendeu que a mulher não é máquina procriadora nem sua empregada, mas também, ao trabalhar fora, seu tempo dentro do lar é menor e as tarefas deverão ser repartidas. Por outro lado, com o numero cada vez maior de desquites e divórcios, os descasados, como se diz vulgarmente, “têm que se virar” e ai deles se não forem preparados para isso!

Entretanto, para que o homem compreenda isso, é preciso que desde a infância tenha aprendido que as tarefas do lar, de maneira alguma depreciam a imagem masculina.

Pestalozzi em seu livro “Gertrude” mostra como o lar é a escola onde a criança aprende a trabalhar em cooperação, e também desenvolve os poderes do raciocínio e as demais qualidades morais essenciais na convivência social, quando diz:

“Nada há que mais requeira atenção do que o trabalho em geral porque sem firme

atenção nenhum trabalho pode ser bem feito. Esta verdade se mostra mais evidente em se tratando de trabalho que as crianças podem fazer em casa, porque, então, ele varia continuamente e de mil modos, levando-as a fixar sua atenção em grande número de objetos diferentes”.

“Além disso, é por exercer na infância toda sorte de atividades que o homem adquire seguro meio de ajuizar. Se quer ser eficiente em seu trabalho tem que tomar na devida consideração as circunstâncias em que tem de operar. Nem pode a criança eximir-se de atentar para o fato de que o fracasso resulta de erros em ajuizar as coisas”.

“O primeiro desenvolvimento dos poderes da criança adviria de sua participação no trabalho de sua casa, porque este é certamente aquele que os pais melhor entendem, o que mais absorve sua atenção e tem mais competência para ensinar”.

Como a agenda de uma criança é, em nossos dias, bastante extensa (escola tradicional, aulas de dança ou ginástica, natação, inglês, etc.) o seu tempo dentro do lar fica menor e, com isso, não lhe é exigido participação nenhuma dentro de casa, e é esse despreparo que tem levado muitos casamentos à falência.

E necessário lembrar que a criança tem também os seus direitos, não somente aqueles prescritos na “Declaração dos Direitos da Criança” da ONU, mas acima de tudo o direito de ser criança e poder curtir a sua infância.

A vida dentro do lar Com disciplina a transpor É o meio de conservar Toda a grandeza do amor.

Boris Freire

(Do livro “Festa de Paz” - psicografado por F. C. Xavier]

O USO DA INTELIGÊNCIA

“A inteligência é rica de méritos para o futuro, mas sob a condição de ser bem empregada. Se todos os homens que a possuem se servissem dela de conformidade com a vontade de Deus, fácil seria, para os Espíritos, a tarefa de fazer que a Humanidade avance, infelizmente, muitos a tornam instrumento de orgulho e de perdição contra si mesmos. O homem abusa da inteligência como de todas as suas faculdades e, no entanto, não lhe faltam ensinamentos que o advirtam de que uma poderosa mão pode retirar o que lhe concedeu.”

(O Evangelho Segundo o Espiritismo - Capítulo VII, item 13)

“A inteligência nem sempre constitui penhor de moralidade e o homem mais inteligente pode fazer péssimo uso de suas faculdades.

Doutro lado, a moralidade, isolada, pode, muita vez, ser incapaz. A reunião dessas duas faculdades, inteligência e moralidade, é pois, necessária a criar uma preponderância legítima, a que a massa se submeterá cegamente, porque lhe inspirará plena confiança, pelas

suas luzes e pela sua justiça."

(Obras Póstumas – “As Aristocracias”, página 241).

Nestes textos, é-nos mostrado claramente a missão do homem inteligente na Terra. A história da Humanidade tem um grande número de seres que reencarnaram na Terra e utilizando bem esta faculdade, que é a inteligência, transformaram-se em benfeitores da Humanidade. Robert Fulton, Alfredo Nobel, Alberto Santos Dumont, Luís Pasteur, Thomas Edison, Albert Einstein, Alexander Fleming e Sabin são alguns exemplos deles.

Muitos pais anseiam que seus filhos sejam inteligentes, possuidores de um QI elevado, mas ensinam-lhes que na vida vencem os mais astutos e, em vista disso, a palavra sabedoria passou a ter outro sentido, pois, segundo refrão atual “o mundo é dos mais sabidos”.

Por isso, Allan Kardec em “Obras Póstumas” nos diz que o homem mais inteligente pode fazer péssimo uso de suas faculdades. É o que observamos em todas as sociedades humanas — o homem usando sua inteligência somente para proveito próprio através dos mais mesquinhos artifícios.

Foram mentes inteligentes que transformaram o navio a vapor de Fulton em belonave; usaram a dinamite inventada por Nobel para fabricar bombas; aperfeiçoaram o avião e, para desgosto de seu inventor, fizeram-no terrível arma de guerra; aplicando à Física Nuclear a fórmula de Einstein, de transformação de massa em energia, fabricaram o mais terrível engenho bélico — a bomba atômica e baseados no princípio da bacteriologia, iniciada por Pasteur, criaram a guerra bacteriológica.

Ainda a corrupção, o estelionato, os golpes financeiros e as negociatas são sempre frutos de pessoas inteligentes.

Foi por conhecer a fraqueza do ser humano que o Espírito de Verdade recomendou: “Amai-vos eis o primeiro mandamento; instruí-vos, eis o segundo”, procurando, com isso, mostrar que o desenvolvimento do amor deve sempre preceder o da instrução.

Seguindo ainda este raciocínio, o Espírito Meimei assim se expressa:

“Cultivemos o cérebro sem olvidar o coração. Sentir, para saber com amor; e saber, para sentir com sabedoria, porque o amor e a sabedoria são asas dos anjos que já comungam a glória de Deus.”

Entretanto, nem todos os pais estão preocupados com a formação moral dos filhos. Desejam que eles sejam homens inteligentes, não para beneficiar os semelhantes, mas para ter bons e rendosos empregos, mesmo que a forma de alcançá-los não seja a mais honesta.

Esquecem-se que muitos Espíritos que hoje reencarnam com problemas de idiotia, cretinismo ou debilidade mental, foram as mentes privilegiadas do passado.

Assunto estranho na vida Que não se deve esquecer:

A escola ensina de tudo,

Mas não ensina a viver.

Pedro Silva

(Do livro "Festa de Paz" – psicografado por F. C. Xavier).

APTIDÕES

Por que não outorgou Deus as mesmas aptidões a todos os homens?

“Deus criou iguais todos os homens, mas cada um destes vive há mais ou menos tempo, e, conseqüentemente, tem feito maior ou menor soma de aquisições. A diferença entre eles está na diversidade dos graus da experiência alcançada e da vontade com que obram, vontade que é o livre-arbítrio. Daí o se aperfeiçoarem uns mais rapidamente do que outros, o que lhes dá aptidões diversas. Necessária é a variedade das aptidões, a fim de que cada um possa concorrer para a execução dos desígnios da Providência, no limite do desenvolvimento de suas forças físicas e intelectuais.”

(O Livro dos Espíritos – Questão 804)

Que é o que resulta dos embaraços que se oponham à liberdade de consciência?

“Constranger os homens a procederem em desacordo com o seu modo de pensar é fazê-los hipócritas. A liberdade de consciência é um dos caracteres da verdadeira civilização e do progresso.”

(O Livro dos Espíritos – Questão 837).

Até algumas décadas, era muito comum a interferência dos pais na escolha da profissão dos filhos, forçando-os, quase sempre, a seguir as suas próprias atividades profissionais; outros, espíritos rudes e ignorantes, achavam que, como eles não estudaram, seus filhos também não precisariam estudar. Em relação ao sexo feminino a intransigência era maior e houve época em que eram poucas as mulheres que tinham acesso ao saber e no campo profissional a única atividade que se admitia para a mulher era o magistério.

Hoje a situação mudou bastante e é raro os pais que assim pensam. A maioria quer que seus filhos estudem e recebam algum treinamento profissional; dizem eles que desejam para seus filhos uma situação melhor do que a deles. E bastante louvável esse raciocínio.

Entretanto, é necessário se atente que, cada espírito reencarna na Terra com certas aptidões, fruto de experiências vividas em encarnações anteriores; e que essas aptidões devem ser respeitadas, para que o jovem possa realizar-se profissionalmente, fazendo exatamente do que gosta.

O jovem, hodiernamente, já tem liberdade de escolher a carreira que pretende seguir e para isso a Psicologia tem cooperado com os chamados testes vocacionais. Salustiano Silva, autor anteriormente citado, lembra que na adolescência ou na passagem desta para a juventude, os jovens passam por um período de anarquia mental, resultando, em alguns casos, dificuldades nesta escolha. Por outro lado, a orientação vocacional baseia-se apenas em testes que correspondem a uma vocação estática do indivíduo (não levando em conta suas aptidões anteriores), o que pode levar os especialistas a errarem nesta orientação. Complementando, o autor diz: “Fazer de tais informes elementos de uma reflexão que

conduza a uma opção razoável, somente os pais ou educadores que tenham acompanhado a formação da personalidade do filho ou educando, estão capacitados para tal. Não qualquer psicólogo, ou mesmo equipe, que pela primeira vez, enfrente e analise o interessado, a não ser que desejem incidir na mesma atitude por eles censurada dos “testes que corresponderiam a uma concepção estática do indivíduo, tirando das suas mãos a oportunidade de uma escolha refletida.”

Em vista disso, devem os pais estar atentos, desde o período de infância de seus filhos, a observar suas tendências, principalmente durante o brincar. A criança que gosta de desmontar seus brinquedos, para ver o seu funcionamento e é capaz de remontá-lo e quando jovem, se interessa por pequenos reparos de aparelhos mecânicos ou elétricos, por certo será um bom mecânico ou engenheiro; outra que gosta de animais e se sente bem em tratá-los poderá ser excelente veterinário; as que apresentam aptidões para o desenho poderão ser orientadas para as carreiras de desenho ou arquitetura. Essas escolhas devem ser livres, exigindo por parte dos pais ou educadores somente uma ação orientadora e qualquer tentativa de uma interferência ditadora, poderá torná-los hipócritas, conforme nos instruem os Instrutores Espirituais na questão 837 de “O Livro dos Espíritos”.

Por outra parte, devido a vivermos numa sociedade materialista e imediatista, as orientações são, quase sempre, em função das atividades melhor remuneradas, ficando a aptidão para segundo plano. Daí encontrarmos maus médicos, engenheiros medíocres e professores que chegaram ao magistério por não terem sucesso em outras profissões. Somando a este caso, a visão errônea que se formou no Brasil de que somente o curso superior dá status e compensação financeira a alguém.

As atividades profissionais manuais sempre foram o sustentáculo de muitas famílias, que passavam de pai para filho suas aptidões. Jesus, antes de iniciar-se na vida messiânica, aprendeu com José a profissão de carpinteiro; e Paulo de Tarso após ter-se tornado cristão, usava a arte de tecelagem para a sua sobrevivência.

Estas práticas são extremamente salutares para o ser humano, pois a arte de trabalhar a madeira, o artesanato, o desenho e a pintura, fornecem ao jovem a capacidade de observação, o adiestramento no uso de ferramentas, o conhecimento das medidas e a sensibilidade, tão necessários na capacitação profissional futura, e até, numa emergência, a possibilidade de ganhar a vida. Por isso, afirmou o grande pedagogo suíço Pestalozzi:

“E bom e conveniente que as crianças aprendam alguma coisa, porém para elas o mais importante é ser alguma coisa.”

Todo serviço do homem é útil e necessário; por isso, até um lixeiro é também um “missionário”.

José Fuzeira

(Do livro “Trovas de Sombra e de Luz*”).

O TRABALHO

“Se Deus houvesse isentado do trabalho do corpo o homem, seus membros se teriam atrofiado; se o houvesse isentado do trabalho da inteligência, seu espírito teria permanecido na infância, no estado de instinto animal. Por isso é que lhe fez do trabalho uma necessidade e lhe disse: Procura e acharás; trabalha e produzirás. Desta maneira serás filho das tuas obras, terás delas o mérito e serás recompensado de acordo com o que hajas feito.”

(O Evangelho Segundo o Espiritismo – Capítulo XXV, item 3).

“Não basta se diga ao homem que lhe corre o dever de trabalhar. É preciso que aquele que tem de prover à sua existência por meio do trabalho encontre em que se ocupar, o que nem sempre acontece.”

(O Livro dos Espíritos – Questão 685 – Nota de Kardec).

São funestas as consequências da mente desocupada, livre de atividades físicas ou intelectuais, por isso, a sabedoria do refrão popular que diz: “Mente desocupada, oficina de Satanás.” Isto porque grande parte das coisas erradas que acontecem no mundo, principalmente, as praticadas pelos jovens e adolescentes, é feita nos momentos em que eles estão sem ocupações construtivas.

O vandalismo, as pichações, os pegos entre carros ou motocicletas, são exemplos da ação funesta das mentes desocupadas, não se excluindo o contato com os vícios, desde o cigarro até os tóxicos de ação mais violenta.

Ninguém está isento do trabalho, afirma Allan Kardec, entretanto, uma pessoa só pode procurar uma ocupação, quer seja uma atividade física ou mental, se vir nela algo de útil para o seu progresso e se desde cedo estiver em contato com elas.

É comum ver-se grupos de jovens na porta de escolas, esperando a saída dos alunos, quer seja para flertar com as meninas, quer como simples passatempo, pois não têm nada com o que se ocuparem... Outros são encontrados perambulando pelas ruas à noite e aí o problema se torna mais grave, porque na calada da noite, sem o perigo de serem pegos, ficam mais livres para agir, fazendo os atos perniciosos anteriormente mencionados.

Recentemente a imprensa e TV notificaram a desencarnação de um jovem num encontro entre dois grupos de motoqueiros, no Rio de Janeiro. Por isso contestamos aqueles que afirmam ser a delinquência fruto de problemas sócio-econômicos, com incidência entre as classes pobres, porque nenhum jovem pobre tem condições de possuir uma moto último tipo, como as usadas por esses grupos.

Atos como estes, que têm enlutado muitas famílias e dado prejuízos a muita gente, são frutos de uma liberdade sem responsabilidade, conseqüente de uma má orientação por parte dos pais.

Se desde cedo, no lar, a criança fosse levada a realizar pequenas tarefas, criando hábitos sadios de cooperativismo; se os pais cobrassem dos filhos a realização das atividades

escolares, fixando um horário para o estudo; se incutissem na mente da criança o respeito pelos bens alheios, muitos dissabores seriam evitados, pois nada mais desagradável que, tarde da noite, um pai ser chamado a uma delegacia, porque seu filho foi pego em flagrante fazendo algo errado; ir a um hospital porque ele não se deu bem num pega ou ainda ir ao necrotério reconhecer o corpo do filho, desencarnado por imprudência.

Por outro lado, é necessário que se ofereçam oportunidades para as crianças, adolescentes e jovens desenvolverem suas potencialidades no trabalho físico ou mental.

Existem pais que ao darem uma tarefa aos filhos pela primeira vez e vendo que o resultado não foi o esperado, afastam-nos com rispidez, alegando que eles são uns desajeitados; outros dizem que não há necessidade dos filhos trabalharem no lar porque existem empregadas e fora dele porque não há necessidade financeira. Esquecem-se das palavras do Cristo: "O Pai trabalha até hoje e eu trabalho também."*

A priori, não devem os pais fazer barganhas nem estipular pagamentos para que os filhos realizem as tarefas no lar, mostrando-lhes que no recinto familiar todos devem cooperar e "onde todos trabalham, todos trabalham menos." Dentro deste raciocínio a criança irá entender que trabalho não é somente o remunerado e que existem tarefas não remuneradas no lar e fora dele que devem ser realizadas, para dignificar o homem.

A respeito do assunto, comenta a Mentora Espiritual Joanna de Ângelis no livro "Estudos Espíritas": "Mediante o trabalho remunerado o homem modifica o meio, transforma o habitat, cria condições de conforto.

Através do trabalho-abnegação, do qual não decorre troca nem permuta de remuneração, ele se modifica a si mesmo, crescendo no sentido moral e espiritual."

Oitenta anos viveu Cota Receando trabalhar...

Por fim, morreu de descanso,

Cansada de descansar.

Comélio Pires

(Do livro "Festa de Paz" - psicografia de F. C. Xavier).

O NECESSÁRIO E O SUPÉRFLUO

Como pode o homem conhecer o limite do necessário?

"Aquele que é ponderado o conhece por intuição. Muitos só chegam a conhecê-lo por experiência e à sua própria custa."

Mediante a organização que nos deu, não traçou a Natureza o limite das nossas necessidades?

"Sem dúvida, mas o homem é insaciável. Por meio da organização que lhe deu, a Natureza lhe traçou o limite das necessidades; porém, os vícios lhe alteraram a constituição e lhe criaram necessidades que não são reais."

(O Livro dos Espíritos - Questão 715 e 716)

“Deus conhece as nossas necessidades e a elas provê, como for necessário. O homem, porém, insaciável nos seus desejos, nem sempre sabe contentar-se com o que tem: o necessário não lhe basta» reclama o supérfluo. A Providência, então, o deixa entregue a si mesmo. Freqüentemente, ele se torna infeliz por culpa sua e por haver desatendido à voz que por intermédio da consciência o advertia. Nesses casos, Deus fá-lo sofrer as conseqüências, a fim de que lhe sirvam de lição para o futuro.”

(O Evangelho Segundo o Espiritismo – Capítulo XXV, item 7).

Ao analisarmos a questão 716 de “O Livro dos Espíritos” vamos observar que a Natureza dotou o homem de condições para avaliar quais os limites de suas reais necessidades. Porém, fugindo do caminho que a Natureza sempre apontou, foi aumentando cada vez mais as suas necessidades e, nos dias atuais, milhões e milhões são gastos na compra de produtos que, se nunca tivessem existido, não fariam falta nenhuma. Estamos vivendo a era do consumismo.

Poderão alguns argumentar que a produção desses produtos gera empregos necessários para a manutenção de muitas famílias, o que refutamos, pois esses empregos e capitais poderiam ser utilizados na produção de uma maior quantidade de alimentos ou bens necessários para atender a um número maior de habitantes que não têm acesso a eles, já que a aquisição do supérfluo não está ao alcance de todos.

O confrade e assistente social Mário Barbosa, em um Encontro sobre Serviço Assistencial Espírita, afirmou que “a comida que se joga fora no mundo daria para alimentar parte da população faminta, cujos membros morrem aos milhões anualmente”. Isto pode ser confirmado quando observamos a quantidade de restos de comida que retornam nos pratos de uma churrascaria chamada “de rodízio”.

Este esbanjamento é fruto de uma deformação no processo educacional do homem, fruto do seu egoísmo.

Respondendo à questão 715 que encima este comentário, os Espíritos Superiores disseram: “Aquele que é ponderado conhece os limites das necessidades por intuição.” O inconsequente, que tenta aqambarcar os bens da Terra para se proporcionar o supérfluo, com prejuízo daqueles a quem falta o necessário, olvida a lei de Deus e terá que responder pelas privações que houver causado aos outros.” – Questão 717.

Acautelem-se, portanto os pais ensinando aos seus filhos quanto ao equilíbrio tão necessário no consumo dos bens que eles – os pais – ou a natureza oferecem, para evitar surpresas futuras.

No livro “Alvorada Cristã”, o Espírito Neio Lúcio narra a história de irmã Clara, cooperadora de um orfanato e costureira exímia. De sua boca educada não saíam más palavras. Amparava sem alarde e auxiliava sem preocupação de recompensa. Invariavelmente rodeada deovelos de linha, respirava entre a agulha e a máquina de costurar e neste mister estava sempre pronta a auxiliar, não medindo esforços para tal.

Rolaram-se os anos e chegou o dia em que a morte a conduziu para a vida espiritual. Para surpresa sua, ouviu de um Amigo Espiritual que ela deveria voltar logo à Terra, e indagando o motivo, o anjo respondeu:

- A irmã foi extremamente virtuosa; entretanto, na posição espiritual em que se encontrava não poderia cometer tão grande descuido. Desperdiçou uma enormidade de fios de linha, impensadamente. Os novelos que perdeu, por alhear-se à noção de aproveitamento, davam para costurar alguns milhares de vestidos para crianças desamparadas.

E como forma de resgatar essa dívida, informa o autor do livro, Irmã Clara teve que reencarnar com a tarefa de plantar um algodão.

Analisando a narrativa, parece-nos, a priori, que Neio Lúcio é rigoroso demais; entretanto, a lição que desejou passar é que devemos aproveitar ao máximo as coisas, pois o que não serve mais para nós, poderá ser útil a outra pessoa.

Quem trabalha nas atividades assistenciais tem que ter esse cuidado. Retalhos, poderão ser transformados em tapetes ou colchas, que serão vendidos em bazares ou doados aos próprios assistidos. De pernas de calças, surgirão calções ou saias para crianças. Mas para que isso aconteça é necessário que desde nova a pessoa aprenda a arte de aproveitar as coisas usadas.

Não estamos fazendo, com isso, apologia da avareza, que seria o outro extremo, e os extremos são sempre perigosos; o que queremos lembrar é a necessidade de cada um se contentar com o que realmente precisa. Por isso, reunimos ao final deste capítulo os pensamentos de Gan-dhi e Emmanuel quando afirmaram que “o homem que acumula mais do que necessita é imoral” e “é pelo supérfluo acumulado em vão que começam todos os nossos desacertos perante a Bênção Divina.”

Quem esbanja o que tem,
Esquecendo seu irmão,
Virá pobre, sem vintém Numa nova encarnação.

(Do autor)

O EGOÍSMO

"O egoísmo, chaga da humanidade, tem que desaparecer da Terra, a cujo progresso moral obsta."

(O Evangelho Segundo o Espiritismo - Capítulo XI, item 11)

Dentre os vícios, qual o que se pode considerar radical?

"Temo-lo dito muitas vezes: o egoísmo. Daí deriva todo mal. Estudai todos os vícios e vereis que no fundo de todos há egoísmo. Por mais que lhes deis combate, não chegareis a extirpá-los, enquanto não atacardes o mal pela raiz, enquanto não lhe houverdes destruído a causa. Tendam, pois, todos os esforços para esse feito, porquanto aí é que está a

verdadeira chaga da sociedade. Quem quiser, desde esta vida, ir aproximando-se da perfeição morai, deve expurgar o seu coração de todo sentimento de egoísmo, visto ser o egoísmo incompatível com a justiça, o amor e a caridade. Ele neutraliza todas as outras qualidades."

(O Livro dos Espíritos - Questão 913)

Os Espíritos responsáveis pela Codificação e o próprio Codificador, não só nos itens acima, mas em muitas outras oportunidades, colocaram o egoísmo como a maior chaga da Humanidade. Se analisarmos todos os problemas de relações entre pessoas ou povos, vamos constatar o egoísmo como o seu principal fomentador.

Relembrando parte da mensagem de Santo Agostinho, citada em capítulo anterior, vamos encontrar a citação de que "todos os males se originam do egoísmo e do orgulho." Infelizmente, nem todos os pais e educadores estão conscientes disso.

Há pais que, ao invés de extirpar este mal dos corações dos filhos, procuram não só induzi-los a ser egoístas, mas através de suas ações egoísticas, são exemplos vivos de verdadeiro egoísmo.

Desde cedo, induzem as crianças a serem egoístas, instruindo-as a não emprestar os brinquedos ou o material escolar e brigam com eles quando sabem que deram ou dividiram a merenda com um colega.

E comum ver-se em quartos infantis, verdadeiras coleções de bonecas e brinquedos, quando parte deles poderia ser dada às crianças carentes ou aos filhos da própria empregada.

Crianças assim orientadas, vão crescendo achando sempre que o que é seu não pode ser dividido. Quando adultos, serão os empresários que não aceitarão dividir parte dos lucros com os empregados, ou aqueles que, para subir na vida, não terão escrúpulos quanto aos meios empregados, pois dentro de um raciocínio distorcido, acharão que são os únicos a merecerem um lugar ao sol.

Como estamos vivendo num mundo onde ainda o mal prepondera sobre o bem; um mundo onde as pessoas correm desesperadamente em busca dos bens efêmeros; um mundo cuja base de todas as ciências sociais e humanas é o materialismo, fica difícil deslumbrarmos, a curto prazo, solução para esses problemas. É que, de um modo geral, na matemática das pessoas só existem duas operações: somar e multiplicar... Não aprenderam a subtrair e dividir.

Allan Kardec, em nota explicativa à questão 917 de "O Livro dos Espíritos"*, declara:

"A Educação, convenientemente entendida, constitui a chave do progresso moral. Quando se conhecer essa arte de manejar os caracteres, como se conhece a de manejar as inteligências, conseguir-se-á corrigi-los, do mesmo modo que se aprumam as plantas novas.(...)"

"O homem deseja ser feliz e natural é o sentimento que dá origem a esse desejo. Por isso,

é que trabalha incessantemente para melhorar a sua posição na Terra, que pesquisa as causas de seus males, para remediá-los. Quando compreender que no egoísmo reside uma dessas causas (...), ele compreenderá também que esse vício é incompatível com a sua felicidade e, podemos mesmo acrescentar, com a sua própria segurança.”

Sobre o egoísmo, gerador de todos os outros vícios, poderíamos não só escrever um artigo, mas um livro ou reunir num compêndio tudo o que os nossos Amigos Espirituais nos têm dito sobre esse mal. Para que os leitores amigos possam refletir sobre tão importante questão, afirmamos que o antídoto a esta chaga da Humanidade, está na recomendação bíblica do “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”, citado pela primeira vez em Levítico, 19:18, aparecendo mais uma vez no Velho Testamento e seis vezes no Novo Testamento, numa demonstração eloquente de que, aquele que ama o seu próximo, dividindo com ele o que é seu ou respeitando o que é dele, estará erradicando de si este câncer, que há milênios, vem produzindo feridas profundas em nossos perispíritos.

O egoísmo do homem é malefício profundo, pois é causa principal dos maiores males do mundo!

José Fuzeira

(Do livro “Trovas de Sombra e de Luz”).

A VAJDADA

“Quantos pais são infelizes em seus filhos, porque não lhes combateram desde o princípio as más tendências! Por fraqueza, ou indiferença, deixaram que neles se desenvolvessem os germes do orgulho, do egoísmo e da tola vaidade, que produzem a secura do coração; depois, mais tarde, quando colhem o que semearam, admiram-se e se afligem da falta de deferência com que são tratados e da ingratidão deles.”

(O Evangelho Segundo o Espiritismo - Capítulo V, item 4)

Um dos grandes males da Humanidade é a vaidade, filha do egoísmo e irmã do orgulho, pois, devido ainda ao nível espiritual em que nos encontramos, temos enraizados em nossos comportamentos esses defeitos.

A vaidade quando bem controlada tem até os seus aspectos positivos, porque leva o ser humano a cuidar melhor de seu corpo.

O que devemos combater é o exagerado culto da beleza ou da aparência física.

Quantas mães embonecam seus filhos, vestindo-os no mais alto rigor da moda, transformando-os em verdadeiros manequins mirins, quando eles, na realidade, gostariam de estar com um short e uma camiseta, até porque o nosso clima, na maioria das épocas do ano, assim o pede.

Roupas não indicadas para certas idades são compradas; meninas ainda muito pequenas são maquiadas em excesso, lábios pintados, sombras nos olhos e unhas também pintadas; penteados extravagantes são feitos, mais para atender à vaidade tola das mães, do que à

vontade dos próprios filhos. Mas como diz o refrão popular que “o uso do cachimbo faz a boca torta”, aos poucos a criança vai-se tornando também vaidosa.

Recentemente um programa de televisão mostrou o comportamento de algumas mães que levaram seus filhos à gravação de um programa infantil. Foi bastante interessante vê-las torcendo, gritando e roendo unhas, para verem seus filhos perto da apresentadora, a fim de que pudessem sair no vídeo e para desespero de algumas, seus anseios não eram correspondidos pelos filhos, totalmente alheios e indiferentes aos pedidos das mães. Algumas dessas mães ali estavam mais para alimentar a própria vaidade, do que atender ao desejo do filho.

A fomentação desse vício explode como uma reação em cadeia, pois uma vez vaidosa, a criança passa a ser orgulhosa e logo em seguida a ser egoísta, quando exige tudo para si e se não atendida em seus desejos, se revolta, jogando em cima dos pais todo o seu inconformismo.

Uma colega de trabalho certa feita se vangloriava de só comprar para seu filho roupas de uma determinada etiqueta (multinacional, é claro). Esquecem-se esses pais de que a vida dá muitas voltas e se em determinada fase, a renda familiar assim permite, pode ocorrer um revés e quando a dificuldade financeira piora, os filhos não foram educados para se conformar com pouco ou uma roupa mais simples. Por isso, a recomendação de Allan Kardec no texto que encima este artigo, pois, quando chegar a colheita, não se admirarem e se afligirem com a falta de deferência e a ingratidão dos filhos.

Há pais ainda que, sem o poder, fazem questão de vestir os filhos acima de suas posses e para tanto, contraem dívidas, através de crediários, somente para dar satisfação à sociedade. Por outro lado, aqueles de situação sócio-econômica mais privilegiada, passam a reparar e fazer comentários venenosos diante dos filhos em relação a pessoas ou colegas que não podem vestir-se melhor, fomentando na mente infantil, além da vaidade, a crítica mordaz e a maledicência.

O Espiritismo é uma doutrina de equilíbrio e mostra que os extremos são sempre perigosos. Os pais não devem criar os filhos na base do desleixo ou relaxamento, mas devem evitar que eles se tornem extremamente vaidosos, vestindo-os até no acompanhamento da moda, dentro das possibilidades da família mas sem exageros.

Quem do palácio faustoso Aos pobres humilha e arrasa Renascerá de futuro No quintal da própria casa.

Casimiro Cunha

(Do livro *“Orvalho de Luz”*, psicografia de F. C. Xavier).

MAUS PENDORES

São responsáveis os pais peio transvia- mento de um filho que envereda pelo caminho do mal, apesar dos cuidados que lhe dispensaram?

“Não; porém, quanto piores forem as propensões do filho, tanto mais pesada é a tarefa e tanto maior o mérito dos pais, se conseguirem desviá-lo do mau caminho.” .

(O Livro dos Espíritos - Questão 583)

Quando os filhos causam desgostos aos pais, não têm estes desculpa para o fato de lhes não dispensarem a ternura de que os fariam objeto, em caso contrário?

“Não, porque isso representa um encargo que lhes é confiado e a missão deles consiste em se esforçarem por encaminhar os filhos para o bem. Demais, esses desgostos são, amiúde, a consequência do mau feitio que os pais deixaram que seus filhos tomassem desde o berço. Colhem o que semearam.”

(O Livro dos Espíritos - Questão 892).

Convém repetir que a maioria dos seres que reencarnam na Terra e que recebemos em nossos lares na forma de filhos, são espíritos longe ainda de um grau de elevação, que nos dê certa tranquilidade no processo educacional. São Espíritos que transgrediram a lei de Deus, cujo processo regenerativo cabe-nos auxiliar.

Muitos deles adquiriram vícios ou se deixaram arrastar por paixões, cujas cicatrizes marcaram profundamente seus perispíritos.

Retornando ao palco da vida, essas almas carecem de uma atenção maior, pois o menor contato com aqueles vícios do passado, farão aflorar reminiscências, através do subconsciente, com graves prejuízos ao processo evolutivo.

Durante a infância, porque ainda não se assenhorearam totalmente do seu livre-arbítrio, ou porque nesta fase a ação fiscalizadora dos pais e educadores é mais intensa, esses vícios jazem adormecidos. Entretanto, vez por outra, suas manifestações se exteriorizam e se os encarregados da educação da criança estiverem atentos, poderão re-freá-los.

Na adolescência, lutando para ocupar um espaço novo e devido às grandes transformações que ocorrem no organismo, com correspondência no psiquismo, o pubescente torna-se mais acessível aos convites perniciosos feitos por outras almas em desequilíbrio. E na juventude, devido à necessidade de auto-afirmação e se em seus lares não era fato comum a existência do diálogo franco e amigo e uma vivência dentro dos padrões morais, o problema se torna mais sério, fazendo com que ínitos jovens enveredem por caminhos de difícil retorno.

Os pais distraídos com a educação dos filhos, que vivem dentro do lar sem notar a presença deles, muitas vezes se afligem e admiram quando recebem a notícia ou descobrem que eles enveredaram pelo caminho do vício ou da marginalização. Por outro lado, se estão atentos, observando o comportamento e reações dos filhos na infância, tipos de amizades e locais por eles freqüentados na adolescência, dificilmente serão colhidos por tais surpresas, tão desagradáveis para a família.

Se mesmo assim, com todos esses cuidados, os filhos se transviarem, enveredando pelo

caminho do mal, os pais não serão responsabilizados, mas colherão frutos de alegria na espiritualidade, se não mediram esforços para evitar o fracasso daqueles espíritos confiados a eles por Deus.

Lembro-me da atitude de um pai que, ao descobrir que um dos filhos enveredara pelo caminho dos tóxicos, tomou uma decisão importante. Sendo funcionário público federal, solicitou transferência para outro Estado, a fim de afastá-lo das "amizades" (*) perniciosas. Fixando residência, procurou se aproximar da religião e hoje, pela força de seu exemplo, toda a família frequenta uma Igreja Evangélica.

(*) Colocamos a palavra amizades entre aspas porque, apesar de ser o termo usual, não é o apropriado, pois, não podemos chamar de amigo, aquele que leva alguém para o vício. Nada de bom se mantém Onde alguém se obrigue a tal.

Virtude é fazer o bem Podendo fazer o mal.

Alcides Brandão

(Do livro "Trovadores do Além", psicografia de F. C. Xavier).

AGRESSIVIDADE E REVIDE

"Os preconceitos do mundo sobre o que se convencionou chamar "ponto de honra" produzem essa suscetibilidade sombria, nascida do orgulho e da exaltação da personalidade, que leva o homem a retribuir uma injúria com outra injúria, uma ofensa com outra, o que é tido como justiça por aquele cujo senso moral não se ache acima do nível das paixões terrenas. Por isso é que a lei mosaica prescrevia: "Olho por olho, dente por dente", de harmonia com a época em que Moisés vivia. Veio o Cristo e disse: "Retribui o mal com o bem"."

(O Evangelho Segundo o Espiritismo - Capítulo XII, item 8)

"Espíritos impuros - Quando encarnados, os seres que eles constituem se mostram propensos a todos os vícios geradores das paixões vis e degradantes: a sensualidade, a crueldade, a felonía, a hipocrisia, a cupidez, a avareza sórdida, fazem o mal por prazer, as mais das vezes sem motivo..."

(O Livro dos Espíritos - Questão 102)

Devido à própria condição da Terra, como um planeta de expiações e provas, onde o mal ainda predomina sobre o bem, a maioria dos Espíritos aqui encarnados é formada de espíritos impuros, cujas características estão acima descritas.

Mesmos aqueles que já estão saindo dessa faixa e procuram fazer o bem, esforçando-se para interiorizar certas virtudes, trazem consigo o acervo de paixões vis e degradantes, que afloram do subconsciente, todas as vezes que se tocam nestas feridas, como a cobra que arma o bote quando alguém a toca.

Como em nossas origens pertencemos a povos bárbaros, agressivos e cruéis, jazem em nossos espíritos certas paixões, principalmente aquelas relacionadas com a violência. Por isso, respondemos com agressividade todas as vezes que alguém "pisa em nosso calo", isto

porque, nosso conceito sobre o que se convencionou chamar ponto de honra ainda é bastante distorcido.

Desde a infância, o Espírito pode demonstrar essas manifestações de agressividade, primeiramente com os próprios pais, quando sua vontade não é atendida; posteriormente, com os irmãos ou amiguinhos durante as brincadeiras. Essas manifestações violentas devem ser reprimidas desde cedo, para evitar que criem raízes profundas, prejudicando o futuro da criança.

É a natureza violenta do ser humano, não reprimida a tempo, que tem transformado os campos e quadras esportivas em verdadeiras arenas, e as arquibancadas em campos de batalha, ocasionando espetáculos deprimentes naquilo que se chama lazer.

Pais desavisados existem que, ao invés de refrear esses instintos, acham engraçado quando a criança joga longe um objeto porque sua vontade não foi satisfeita ou não orientam os filhos quando essas crises de violência surgem entre irmãos ou entre o filho e um coleguinha; observem que estamos falando em orientação, porque alguns pais querem reprimir a agressividade dos filhos com pancada: é a violência tentando reprimir a violência, e isto não funciona. Somente o diálogo orientador, ou o castigo quando bem aplicado, podem surtir o efeito desejado.

Outros pais estão ainda na fase da lei mosaica do ‘olho por olho, dente por dente’, recomendando aos filhos que não tragam desaforo para casa. É, repetimos, a visão distorcida do ponto de honra, entretanto, os anais da Justiça estão cheios de exemplos de homicídios cometidos em nome desta honra.

Não estamos dizendo com isso que nossos filhos sejam sacos de pancada, mas que o revide só deve ser usado em último caso e para defesa da integridade física, pois ainda é válido o ditado popular que diz: “Quando um não quer, dois não brigam.”

O jornal “O Globo” de 22.11.87, publicou artigo sobre “Excesso de violência e até morte na “guerra” de adolescentes da Zona Sul”, relatando entre outros o incidente entre duas turmas que culminou com a morte do adolescente Marcelo de Souza Estrela, de 17 anos, ocorrido em uma festa num condomínio de luxo da zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Essas atitudes agressivas dos adolescentes e jovens demonstram uma total falta de educação, em seu sentido mais amplo, aquela capaz de transformar paixões em virtudes, acompanhada pela educação religiosa, pois o que falta na juventude de hoje é um pouco mais de amor em seus corações.

A criança que é educada com base na filosofia da não-violência, sabe se afastar de certas situações antes que uma briga comece. É capaz de mostrar a outra face, segundo a recomendação evangélica, ou seja, diante da violência, agir com brandura e amor.

É comum a sociedade culpar esses jovens integrantes das chamadas “turmas” pelo comportamento que demonstram, fazendo arruaças nas ruas, invadindo festas em edifícios e depredando tudo, danificando bens alheios, ocasionando medo e pavor nos

bairros onde agem. Todavia, os maiores culpados são os pais que não conseguem refrear os instintos violentos dos filhos, pois estes jovens, como se costuma dizer comumente, não são filhos de chocadeira, possuem uma família como qualquer outro jovem. A diferença é que seus pais fazem vista grossa diante das atitudes dos filhos, pois é mais fácil a acomodação do que a tomada de decisões enérgicas e punitivas, entrando em choque com os filhos.

Ao analisar a questão da “Deliquência, Perversidade e Violência” no livro “Após a Tempestade”, afirma Joanna de Ângelis: “A valorização da vida e o respeito pela vida conduzirão pais, mestres, educadores, religiosos e psicólogos a uma engrenagem de entendimento fraternal com objetivos harmônicos e metódicos – exemplos capazes de sensibilizar a alma infantil e conduzi-la com segurança às metas que devem perseguir.”

*Que minhas mãos desarmadas E abertas para o perdão,
Não sirvam nunca fechadas Para agredir um irmão.*

Aloisio A. Costa Nova Friburgo – RJ.

(Extraída do “Cristão – Trovador” nº 1, dez/84).

A HORA DE DORMIR

Durante o sono, a alma repousa com o corpo?

“Não, o Espírito jamais está inativo. Durante o sono, afrouxam-se os laços que o prendem ao corpo e, não precisando este então da sua presença, ele se lança pelo espaço e entra em relação com os outros espíritos.”

(O Livro dos Espíritos – Questão 401).

“O sono tem por fim dar repouso ao corpo; o Espírito, porém, não precisa repousar. Enquanto os sentidos físicos se acham entorpecidos, a alma se desprende, em parte, da matéria e entra no gozo das faculdades do Espírito.”

(O Evangelho Segundo o Espiritismo – Capítulo XXVIII, item 38).

“O Sono é a porta que Deus lhes abriu para os amigos do céu; é o recreio após o trabalho, a espera da grande libertação, a libertação final que os deve reintegrar em seu verdadeiro meio.”

(Revista Espírita – Dezembro de 1858).

Nem todas as criaturas dão o devido valor ao sono. quer dizer, o seu real valor. Dormem porque o corpo físico está cansado; mas não se preparam para adentrar a porta que Deus lhes abriu, a fim de estarem com os amigos do céu.

Tendo em vista a vida atribulada que levamos, envolvidos com o corre-corre das atividades diárias; martirizados pela agitação de um trânsito cada vez mais complicado; vivenciando estados de ânsias nos transportes coletivos, que nem sempre estão dentro de seus horários; passando por problemas de relacionamento nos locais de trabalho, onde a inveja, a maledicência e a obscenidade campeiam, entramos em nosso lar e nele, nem sempre, encontramos o ambiente saudável e acolhedor que deveria existir, porque os que ali

ficaram – esposa e filhos – também vivenciam as mesmas tensões emocionais.

Somando a isso, ligamos a televisão, no horário do jantar ou logo após a este, para acompanhar o noticiário local e mundial e as notícias que são passadas, mostrando cenas de violência, corrupção ou indiferença dos governantes e parlamentares, vão criando em nossas mentes, pensamentos de descontentamento ou de revolta, que vão dificultar o processo digestivo e, como consequência e por extensão, o sono.

Existem pessoas que, apesar de toda essa carga emocional, ainda se comprazem em ver pela TV filmes de violência ou terror, que vão criar clichês mentais desfavoráveis a um sono tranquilo e reparador das energias físicas e psíquicas.

Uma companheira de lides espíritas costuma dizer que, as pessoas que assim agem, durante o sono têm o corpo físico deitado na cama e o Espírito no chão, isto é, incapazes de se elevar a um plano acima de normal, tão necessário ao crescimento espiritual.

Se esta forma de agir não faz bem a uma pessoa adulta, imaginemos os estragos causados na mente infantil; por isso a necessidade de vigilância nas programações noturnas que assistimos pela TV, principalmente nos horários em que as crianças ainda estão acordadas.

Muitas vezes a opção fica difícil, pois a maioria dos canais só passa filmes com cenas de violência extrema ou os chamados filmes de terror; o melhor, portanto, é desligar o aparelho. Haverá alguns pais que, por gostarem de tais gêneros de filmes, dizem para se justificar, que a presença dos filhos será benéfica, para se familiarizarem com a violência ou para perderem o medo. Para estes, recomendamos a leitura dos capítulos 8 do livro “Missionários da Luz” e, 37 e 38 de “Os Mensageiros”, ambos de André Luiz, psicografado por Francisco Cândido Xavier.

Em certa fase da infância um de nossos filhos não queria dormir sozinho, indo para o nosso quarto ou exigindo que ficássemos com ele até adormecer; e quando adormecido, tinha um sono bastante agitado. Procurando conversar com ele na tentativa de diagnosticar a origem daquele medo, uma vez que anteriormente ele dormia sozinho, recebemos dele a resposta de que antes não tinha a novela “tal”, mencionando o nome da mesma. Aí nos lembramos que na citada novela havia cenas em que um espírito ou “força estranha” agia, ocasionando alguns problemas. As cenas não chegavam a ser de terror, mas concluímos que eram fortes demais para a mente de uma criança de seis anos. O fato serviu-nos de exemplo, e passamos a vigiar melhor a programação noturna em nossa TV.

Além dessa vigilância, deveremos tornar as horas que antecedem ao sono bem agradáveis, aproveitando-as para estar junto com os filhos, curtindo com eles a sua infância ou orientando-os na adolescência.

Outra prática bastante salutar é o uso da prece antes de dormir. A mãe que ora junto ao filho, não mecanicamente, mas mostrando-lhe a sua eficácia e necessidade, estará criando uma psicofera favorável a um sono tranquilo e reparador. Por isso recomendou o

Codificador do Espiritismo: “Eleve, pois, aquele que se ache compenetrado desta verdade, o seu pensamento a Deus, quando sinta aproximar-se o sono...” E ainda a advertência de André Luiz, no livro “Conduta Espírita”, no capítulo intitulado “Perante o Sono”:

“Preparar um sono tranquilo *pela* consciência pacificada nas boas obras, acendendo a luz da oração, antes de entregar-se ao repouso normal.

A inércia do corpo não é calma para o Espírito apri— sionado à tensão.”

Se o dia pertence à luta Da construção terrenal,

A noite é o sagrado ensejo Da vida espiritual.

Casimiro Cunha

(Do livro ^MCartilha da **Natureza*** — psicografia de f=*

Xavier).

CRIANÇAS INOCENTES

“As crianças são os seres que Deus manda a novas existências. Para que não lhe possam imputar excessiva severidade, dá-lhes Ele todos os aspectos da inocência. Ainda quando se trata de uma criança de maus pendores, cobrem-se-lhe as más ações com a capa da inconsciência. Essa inocência não constitui superioridade real com relação ao que eram antes, não. é a imagem do que deveriam ser e, se não o são, o conseqüente castigo exclusivamente sobre elas recai.”

(O Livro dos Espíritos - Questão 385).

Com o título “Adeus, inocentes crianças*”, a revista Seleções do Reader’s Digest publicou em seu número de outubro de 1982, artigo de Marie Winn que deu ensejo à inclusão deste capítulo.

Inicia a articulista dizendo: “A agitação social, a dissolução das famílias, a televisão e os filmes ajudaram a transformar um número excessivo de crianças em pessoas precocemente sofisticadas.”

Segundo os Instrutores Espirituais, a fase de infância dá ao Espírito reencarnante uma máscara de inocência, que ajudará aos pais no processo educacional, visto que “julgando seus filhos bons e dóceis, os pais lhes dedicam toda a afeição e os cercam dos mais minuciosos cuidados.”

Entretanto, essa inocência, que deveria ser cultivada, está sendo relegada, porque os pais estão transformando seus filhos em pessoas adultas precocemente, isto é, estão tornando-os adultos em miniatura.

Esse fenômeno tem como causa o desejo de os pais se libertarem das obrigações de educadores, pois a criança requer uma dose de atenção e de tempo que, os pais ou não possuem ou não querem dispensar. Acelerando a maturidade dos filhos, ficarão livres das

responsabilidades mais cedo.

Poderíamos comparar o processo ao de amadurecimento de uíva fruta usando métodos artificiais. A fruta pode, exteriormente, ter a aparência de que está madura, mas quando saboreada, não tem o mesmo sabor de outra que amadureceu pelos processos naturais. Assim também ocorre com a criança que foi forçada a se tornar adulta antes da época própria.

Em outros tempos, diz a articulista “as crianças liam livros sobre fadas e bichos, sobre outras crianças ocupadas com os ingênuos prazeres da infância.” A isto, somaríamos as brincadeiras de bonecas, de escola ou de casa. Lembro-me que, em minha infância, minhas irmãs batizavam os bonecos, com festinha e tudo. Uma passava a ser comadre da outra; os meninos participavam dos brinquedos com as meninas e não havia maldade.

Hoje, a coisa mudou bastante, e como mudou para pior, o meu saudosismo tem uma razão de ser.

A começar pelo vestuário, comentado no capítulo “A Vaidade”, a criança vai tendo uma postura de adulto, secundado pelo que é passado através da televisão ou pelo relacionamento com as crianças maiores na escola.

Diz ainda Marie Winn; “Antigamente havia uma idade de inocência: as crianças acreditavam que os adultos eram bons; que o mundo da “gente grande” era maior e melhor, sob todos os aspectos, que o delas. Era seu dever tratar com respeito os adultos.”

Hoje, “não é só através de livros, filmes e televisão que as crianças aprendem as transas do mundo adulto. Em seus próprios lares a porta, outrora fechada, entre a infância e idade adulta, já se entreabriu.” E conclui a articulista: “Será que as modificações dos nossos conceitos sobre a infância trarão resultados benéficos, ou nocivos, às crianças e a sociedade em geral? Infelizmente só poderemos saber quando uma geração de crianças que não teve infância começar a criar seus próprios filhos.”

Em vista disso, será bom que os pais de hoje repensem a forma com que estão criando seus filhos na fase da infância, deixando que eles cresçam naturalmente, vivem – ciando e curtindo a fase melhor da vida do ser humano – a fase da inocência e da fantasia. Um sorriso de criança pleno de casto dulçor transmite-nos a esperança de um mundo com paz e amor.

Lucina Long

(Do livro “Antologia de Trovas** — da ABT).

A CRIANÇA FELIZ

Concebe-se que o homem será feliz na Terra, quando a Humanidade estiver transformada. Mas, enquanto isso se não verifica, poderá conseguir uma felicidade relativa?

“O homem é quase sempre obreiro da sua própria infelicidade. Praticando a Lei de Deus, a muitos males se forrará e proporcionará a si mesmo felicidade tão grande quanto o

comporte a sua existência grosseira.”

(O Livro dos Espíritos – Questão 921)

“A felicidade não é deste mundo.” Com efeito, nem a riqueza, nem o poder, nem mesmo a florida juventude são condições essenciais à felicidade. Digo mais; nem mesmo reunidas essas três condições tão desejadas, porquanto incessantemente se ouvem, no seio das classes mais privilegiadas, pessoas de todas as idades se queixarem amargamente da situação em que se encontram.”,

(O Evangelho Segundo o Espiritismo – Capítulo V, item 20).

O homem busca incessantemente a felicidade. Mas o que é felicidade? Segundo o Prof. Aurélio, felicidade “é o estado de ventura ou contentamento.” Entretanto, em Eclesiastes, Salomão afirma que a felicidade não é deste mundo, o que foi corroborado pelo Cardeal Marlot, em mensagem ditada em Paris, em 1863 e que integra a parte de Instruções dos Espíritos do Capítulo V, de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”.

Por isso, o homem da Terra busca alcançar este estado pleno de ventura e não encontra. Muitos se acham felizes, mas quando analisamos o tipo de comportamento, o modo de ser e o móvel desta felicidade, chegamos à conclusão de que ela é fruto do orgulho e do egoísmo.

Vivendo ainda num mundo materialista, onde os objetivos são a busca dos prazeres imediatistas, o homem coloca a felicidade na conquista desses objetivos.

Riqueza, poder, bom emprego, juventude florida e saúde física são, para muitos, condições de ser feliz. Os mais egoístas desejariam todas essas condições somadas.

Quantas pessoas tornam-se extremamente infelizes porque não possuem dinheiro; outras porque lhes foge a saúde; ainda outras porque estão envelhecendo e não estavam preparados para encarar esta fase da vida. Pôr outro lado, existem aqueles que se tornariam felizes se ganhassem sozinhos o prêmio de uma loteria, se a saúde lhes fosse restituída ou se fossem mais bonitos.

Estes estados d'alma são sempre produtos de uma formação materialista, que não dotou o ser humano de conhecimentos suficientes das coisas espirituais e, por isso, o homem sofre, se angustia e se queixa amargamente da vida. Como antídoto a esta infelicidade foi que Jesus recomendou: “Buscai primeiramente as coisas do céu e o restante lhe será dado por acréscimo.”

Se para os adultos, felicidade é a busca desenfreada dos bens materiais, para a criança a visão é diferente. Dentro de sua inocência, a criança se contenta com pouco. Para ela felicidade é ser livre dentro de sua vida infantil; é ter um lar, onde a mãe esteja presente e um pai que, todos os dias, chegue do trabalho e possa brincar com ela.

Até os sete anos a criança, dentro de sua fantasia, considera o pai como quase onipotente e a mãe tendo uma auréola de perfeição e bondade; ambos apresentam para ela o ideal de super-homens que toda criança traz em si. Para sua felicidade é imperioso que os pais não desfaçam essa imagem, procurando acima de tudo serem amigos dos filhos.

Por isso, na mensagem “Súplica da Criança”, inserida no livro “Antologia da Criança” o Espírito Meimei, pela psicografia de F. C. Xavier, assim nos fala: “Afirmam que devo procurar a felicidade, entretanto, não sei como fazer, isso, se os vejo a quase todos sofrendo e rebelando-se por não aceitarem as disciplinas da vida.”

É por não aceitar a disciplina da vida, que os adultos promovem suas próprias aflições e, por extensão, acabam passando-as às crianças.

Necessário se faz que possamos, no campo da felicidade, aprender com as crianças, que se mantidas, salvo poucas exceções, na simplicidade em que encaram a vida, se sentem felizes com o pouco que ela oferece. Daí a recomendação evangélica: “Quem não receber o reino de Deus como uma criança, de maneira alguma entrará nele.” ^

Os educadores que nunca atentaram para esta recomendação de Jesus, precisam reavaliar a forma com que estão passando aos seus educandos, quer sejam filhos, netos, alunos ou outros, o conceito de felicidade, porque somos nós que, de um modo geral, complicamos a vida de nossas crianças, tornando-as infelizes, como nós nos tornamos também, por insubordinação às leis divinas.

Ser feliz e encarar a vida com naturalidade e, acima de tudo, sendo submissos à vontade de Deus. Não uma submissão acomodada, mas dinâmica, procurando fazer a nossa parte na construção de nossa própria felicidade.

Quando funcionário de uma firma, situada em um bairro de Duque de Caxias, tivemos a imensa oportunidade de conviver com um operário, já idoso, chamado Arruda.

Seu Arruda morava na localidade de Mesquita, na baixada Fluminense, ao pé de uma serra, bastante distante do local de trabalho. Não tinha relógio despertador e para se levantar, pela manhã, o fazia por intuição, ou por certo com a ajuda dos seus amigos espirituais. As vezes acordava cedo demais, pois errava o horário e muitas vezes esperava no banco da estação até dar a hora de continuar sua longa viagem até à fábrica.

Mas com todas as dificuldades, nunca o vimos triste ou reclamando da vida. Contava suas amarguras sempre com um sorriso nos lábios e dentro de sua simplicidade. Apesar de pobre e semi-analfabeto, era feliz, no sentido real da felicidade, segundo o proclamava Jesus.

Podemos ser felizes, dentro da relatividade que a Terra nos oferece, como planeta de expiações e provas, se nos contentarmos com o que somos e possuímos, procurando a felicidade nas pequeninas coisas da vida, tais como: “Um passeio longo de barco”, o “trinar de um passarinho”, “uma carta recebida contendo boas notícias”, “olhar os jardins floridos”, “viver-se feliz no lar, havendo muita união”, como nos diz a poetisa Lourdes Póvoa Bley no poema “É bem fácil ser feliz”.

Ensinar profundo, a sabedoria assim diz: tornar aqui neste mundo uma criança feliz.
(Do autor)

PAJS - CONSTRUTORES DA NOVA GERAÇÃO

"Para que na Terra sejam felizes os homens, preciso é que somente a povoem Espíritos bons, encarnados e desencarnados, que somente ao bem se dediquem. Havendo chegado o tempo, grande imigração se verifica dos que a habitam: a dos que praticam o mal pelo mal, ainda não tocados pelo sentimento do bem, os quais já não sendo dignos do planeta transformado, serão excluídos, porque, senão, lhe ocasionariam de novo perturbação e confusão e constituiriam obstáculo ao progresso."

(A Gênese - Capítulo XVIII - item 27).

Desde o Sermão Profético, proferido por Jesus e do Apocalipse de João, o Evangelista, que a Humanidade tem notícias que grandes transformações iriam ocorrer na Terra e que a separação do jóio e do trigo seria inevitável.

Allan Kardec encerra o livro "A Gênese" explicando, de forma clara e precisa, o processo dessa transformação, passando o nosso planeta da categoria de "Mundo de Expições e Provas", para um "Mundo de Regeneração", o que pode ser visto no item "A Nova Geração", cuja leitura recomendamos na complementação do entendimento deste capítulo.

Atentemos para o que diz o Codificador no item 31, do citado capítulo: "Figuremos um regimento composto na sua maioria de homens turbulentos e indisciplinados, os quais ocasionarão constantes desordens que a lei penal terá por vezes dificuldades em reprimir. Esses homens são os mais fortes, porque mais numerosos do que os outros. Eles se amparam, animam e estimulam pelo exemplo. Os poucos bons nenhuma influência exercem; seus conselhos são desprezados; sofrem com a campanha dos outros, que os achincalham e maltratam. Não é essa uma imagem da sociedade atual?"

"Suponhamos que esses homens são retirados um a um, dez a dez, cem a cem, do regimento e substituídos gradativamente por iguais números de bons soldados, mesmo por alguns dos que, já tendo sido expulsos, se corrigiram. Ao cabo de algum tempo, existirá o mesmo regimento, mas transformado. A boa ordem terá sucedido à desordem."

Não poderia ser melhor a figura usada por Allan Kardec para explicar a forma em que ocorrerá essa transformação; não por cataclismos e guerras nucleares que destruirão a Terra, pois estes se ocorrerem serão sempre regionais, o que pode ser confirmado na leitura do capítulo IX, item 11 do citado livro.

Pelo exposto e ainda pelas informações que temos recebido da Espiritualidade, podemos concluir que esta transformação já teve início e que muitos dos Espíritos que estão desencarnando na Terra, aqui não mais aportarão. Estes, segundo o Codificador, estão sendo substituídos por outros que "somente ao bem se dediquem". Portanto, cada Espírito que está encarnando nos dias atuais já está fazendo parte da nova geração a que se referiu Allan Kardec.

Em vista disso, é imperioso que os pais estejam atentos a este processo de

transformação, contribuindo desta forma, com sua parte, na regeneração da Humanidade, pois esta poderá ser mais rápida ou mais longa, em função do esforço que cada um, individualmente, fizer em benefício da coletividade.

A omissão dos pais na tarefa de arquitetos da Nova Geração poderá trazer sérios prejuízos, não só para os Espíritos reencarnantes, mas para si próprios, pois estarão dificultando a marcha do progresso, e segundo a questão 781-a de “O Livro dos Espíritos”, estes são “Pobres seres que Deus castigará! Serão levados de roldão pela torrente que procuram deter.”

Se ao Espiritismo cabe um papel importante no Progresso da Humanidade, aos pais não cabe papel menor, pois estão recebendo em seus lares a matéria prima básica para a fase de Regeneração. Se sonhamos com a Terra como um lar de felicidades perenes para nossos filhos, e quem sabe, para nós mesmos, se tivermos o merecimento de aqui retornarmos, arregacemos as mangas e mãos à obra. Não esperemos que essas transformações ocorram como um passo de mágica ou que os homens se tornem bons de um momento para outro, através de um sopro di-vino.

Sabemos que essa transformação será lenta, mas já está se processando. A cada um compete fazer a sua parte, e aos educadores em particular, é reservada a maior tarefa, já que está em suas mãos a matéria prima básica – os espíritos recém encarnados.

Aos pais, em particular, deve caber uma reflexão mais demorada sobre o assunto, devido às altas responsabilidades com o ser reencarnante, mencionadas em capítulos anteriores desta obra.

O que será melhor: sermos construtores dessa nova geração, como co-autores na Obra da Criação ou sermos, junto com aqueles que renascem em nossos lares, os soldados “truculentos e indisciplinados” que para o bem da maioria serão expulsos deste planeta? A opção é nossa, mas tem caráter de urgência.

Não há aquele que tolha este aviso de amigo:

Teve início a escolha de quem é jóio ou trigo.

(Do autor)

A EVANGELIZAÇÃO DA CRIANÇA

“É notável verificar que as crianças educadas nos princípios espíritas adquirem uma capacidade de raciocinar precoce, que as torna infinitamente mais fáceis de serem conduzidas. Nós as vimos em grande número, de todas as idades e dos dois sexos, nas diversas famílias onde fomos recebidos. Isso não as priva da natural alegria, nem da jovialidade. Todavia, não existe nelas essa turbulência, essa teimosia, esses caprichos que tornam tantas outras insuportáveis.”

(Allan Kardec – “Viagem Espírita em 1862” – Pág. 30)

Interessante a observação feita pelo Codificador, em suas viagens por várias cidades da

França, em 1862, com relação ao comportamento das crianças educadas nos princípios da moral espírita, que é a moral do Cristo.

Naquela época, em que o Espiritismo estava no seu nascedouro, sua influência na família e como consequência, na educação da criança, já se fazia notar. Cumpria-se a recomendação: “Deixai vir a mim os pequeninos e não os impeçais.”

Jesus, assim dizendo, não endereçava suas palavras somente àqueles que, defendendo a sua tranquilidade, tentavam afastar dele aquele bando de crianças. As palavras do Mestre nunca foram proferidas somente para o momento, mas também para a eternidade. Com isso, Jesus fazia a recomendação a todos nós, a fim de que nunca fôssemos o empeco, impedindo que as crianças chegassem até Ele.

Entretanto, passados quase dois mil anos, desde que suas palavras foram proferidas, nós, os educadores, agindo como Marta, irmã de Lázaro, ainda estamos distraídos, desprezando a melhor parte e com isso, relegando a segundo plano a evangelização da criança, esquecidos de que Ele é “O Caminho, a Verdade e a Vida”, e ninguém chegará ao Pai senão por Ele.

A maioria dos pais só procura cuidar do corpo e do intelecto, como se esses fossem os mais importantes, esquecendo-se de alimentar o Espírito com as luzes do Evangelho, para que este, que é imortal, possa melhor aproveitar a presente oportunidade de evolução, errando menos, sendo melhor e mais útil a si próprio, à família, à comunidade e à Pátria, e como consequência, à própria Humanidade, de que ele é membro integrante, como cidadão do Universo.

Quando procuramos valorizar a necessidade da evangelização da criança, não queremos dizer que a do jovem ou mesmo a do adulto não o sejam; todavia, já vimos em capítulo anterior que é na fase da infância que o Espírito é mais acessível às impressões que recebe, capazes de lhe auxiliar o adiantamento. Em vista disso, não podem os pais se descuidarem desse mister, ou seja, o encaminhamento de seus filhos às atividades de Evangelização da corrente religiosa que professem, considerando-a tão importante como a de um curso regular, aulas de natação ou dança, e que não devem ser faltadas por motivos fúteis.

Divaldo Pereira Franco, médium e orador espírita, em entrevista concedida a dirigentes e trabalhadores espíritas (Diálogo - Edição USE/SP), afirmou:

“Se nós damos a melhor alimentação, o melhor colégio, dentro das nossas possibilidades, aos filhos, porque não lhes damos a melhor religião, que é aquela que já elegemos? Percam umas praias, mas salvem os filhos; o que adianta os levar à praia hoje e depois ficarem chorando, perguntando a Deus o porquê.”

Quando falamos em evangelizar a criança, não nos estamos referindo a levá-la somente à atividade específica no templo religioso ou do Centro Espírita, e sim, desencadear todo um processo de aproximação da mesma com o Evangelho de Jesus, como a sua filosofia de vida.

E óbvio que neste processo se inclui a vivência e comportamento cristãos dos pais no lar, sem isso, nada ou muito pouco se conseguirá. Por isso, Divaldo P. Franco na entrevista anteriormente citada, afirmou: “Se, todavia, os pais são espíritas em casa, eles irão, felizes às aulas de evangelização e de juventude, porque estão impregnados do exemplo.”

Poderíamos substituir o termo “espírita” por cristão, na abrangência necessária à aproximação do educando com o Cristo, como único caminho de levá-lo ao conhecimento da verdade e salvar-lhe a vida, não excluindo desse processo as chamadas religiões não-cristãs, porque se aceitamos que Jesus-Cristo é o governante do nosso planeta, todos os missionários que aqui vieram, trazendo informações das coisas espirituais, o fizeram em Seu nome e mesmo que os homens as neguem, essas lições são as do Cristo de Deus.

A finalidade de toda religião deve ser a de tornar os indivíduos espiritualistas; quem raciocina como sendo um espírito eterno, passa a ver o mundo, seus semelhantes e a própria vida de modo diferente; passa a colocar na imortalidade o objetivo maior a ser alcançado. Quanto mais cedo a criatura tiver essas noções, mais corretamente conduzirá seus passos e menos dissabores terá na vida. Daí a importância da Evangelização Infantil. Se queres tornar teu filho Um verdadeiro cristão,
Desde cedo mostra o trilho De sua evangelização.

(Do autor)

O HOMEM DE BEM

O objetivo maior da Doutrina Espírita é formar na Terra o maior número possível de homens de bem, o que está bastante explícito no capítulo XVII de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, quando o Codificador procura analisar a recomendação do Cristo de que “Sede, pois, vós outros, perfeitos, como perfeito é o vosso Pai Celestial.”

Para tanto, o Mestre lionês nos legou, através dos livros da chamada Codificação Kardequiana, obras de grande valor educacional, todo um roteiro de como nos tornar homens de bem, que procuramos, em síntese, expor neste despretencioso trabalho.

Nos capítulos anteriores, tomávamos como base para nossos comentários, textos das obras de Allan Kardec. Todavia, ao enfeixarmos este livro, o fazemos invertendo as posições.

Em justa homenagem ao Codificador do Espiritismo, valoroso Professor e Pedagogo do Século XIX e grande Benfeitor da Humanidade, e para não tirar o brilho de sua mensagem, reproduzimos na íntegra a nota & questão 918 de “O Livro dos Espíritos”, que em síntese magistral, reúne todas as virtudes que o homem deve conquistar, quando conseguir afastar de si as duas grandes chagas, que o têm impedido de crescer em espírito e verdade, conquistando para si as duas asas que lhe possibilitará conquistar vôos mais altos – a do amor e a do saber.

CARACTERES DO HOMEM DE BEM

“Verdadeiramente, homem de bem é o que pratica a lei de justiça, amor e caridade, na

sua maior pureza. Se interrogar a própria consciência sobre os atos que praticou, perguntará se não transgrediu essa lei, se não fez o mal, se fez todo bem que podia, se ninguém tem motivos para dele se queixar, enfim se fez aos outros o que desejara que lhe fizessem.

Possuído do sentimento de caridade e de amor ao próximo, faz o bem pelo bem, sem contar com qualquer retribuição, e sacrifica seus interesses à justiça.

É bondoso, humanitário e benevolente para com todos, porque vê irmãos em todos os homens, sem distinção de raças, nem de crenças.

Se Deus lhe outorgou o poder e a riqueza, considera essas coisas como UM DEPOSITO, de que lhe cumpre usar para o bem. Delas não se envaidece, por saber que Deus, que lhas deu, também lhas pode retirar.

Se sob a sua dependência a ordem social colocou outros homens, trata-os com bondade e complacência, porque são seus iguais perante Deus. Usa da sua autoridade para lhes levantar o moral e não para os esmagar com o seu orgulho.

É indulgente para com as fraquezas alheias, porque sabe que também precisa da indulgência dos outros e se lembra destas palavras do Cristo: - **Atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado**-. †

Não é vingativo. A exemplo de Jesus, perdoa as ofensas, para só se lembrar dos benefícios, pois não ignora que, como houver perdoado, assim perdoado lhe será.

Respeita, enfim, em seus semelhantes, todos os direitos que as leis da Natureza lhes concedem, como quer que os mesmos direitos lhe sejam respeitados.”